



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MARTA ISABEL CORREIA PEREIRA

Famílias e idosos: vivências e novas oportunidades
Contributos para a lecionação da Unidade Letiva 3 - Família,
Comunidade de Amor - do Programa de Educação Moral e
Religiosa Católica do 5ºano do 2ºciclo do Ensino Básico

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2018

*“As famílias felizes são essenciais
para a Igreja e para a sociedade.”*

Papa Francisco

Um profundíssimo agradecimento à minha família: Pais, irmã e avós não só pela compreensão, pela paciência, pela força e por se fazerem sempre presentes, mas por serem também testemunho e espelho deste trabalho. A eles o dedico.

À Patrícia, pelo companheirismo, pela ajuda e, essencialmente, pela amizade.

À duas grandes pessoas e exemplos:

à Doutora Isabel Varanda e ao Professor Gastão Veloso.

Aos docentes, colegas, amigos e funcionários da Faculdade de

Tecnologia de Braga, o meu muito obrigada. Pelo auxílio no

caminho percorrido, durante estes cinco anos.

RESUMO

“Famílias e idosos: vivências e oportunidades” pretende refletir, como o próprio título sugere, sobre duas problemáticas que muito facilmente se relacionam.

“O que é ser família? Será que esta instituição muda consoante a sociedade? Como é que a sociedade vê as famílias? Que propostas/desafios são lançados às famílias na sociedade hodierna?”. Sim, de facto, o entendimento do conceito família muda conforme os tempos e as sociedades. E é daqui que surgem as propostas e os desafios lançados às famílias dos dias de hoje.

“E os idosos? Onde é que se inserem os idosos? O que é, afinal, ser idoso?”. Procura-se compreender o que é ser idoso, quando é que se inicia a terceira idade, a velhice. Podemos clarificar que esta é uma das fases da vida humana, ou seja, faz parte da pessoa, assim como a infância e a adolescência, por exemplo.

“E a Igreja? O que tem a Igreja a dizer-nos sobre estes dois temas?” Com o seu olhar atento e preocupado sobre as mudanças que se fazem sentir no mundo, a Igreja, em diferentes documentos, de diferentes épocas, reflete sobre as famílias e sobre os idosos, procurando sempre auxiliar a manter presente a importância quer de um, quer de outro.

“E as crianças? Que dizem as crianças sobre a família?” As crianças da turma onde foi desenvolvida a Prática de Ensino Supervisionada têm famílias e sentem a necessidade de falar, partilhar e até mesmo descrever as suas famílias. Por meio de uma linguagem simples, elas falam-nos, permitindo-nos entrar nas suas *casas* e nas suas famílias, por meio das histórias que partilham.

PALAVRAS-CHAVE:

Famílias, sociedade, idosos, intergeracionalidade, relação, Igreja.

ABSTRACT

“Family and Elderly: life experiences and opportunities” intends to reflect, as the title suggests, about two issues that easily correlate.

“What is a family? Does it change according to society? How does the society see this institution? What proposals/challenges are set to the families in today’s society?”. In fact the understanding of the concept “family” changes over time and societies. And it is from here that come the proposals and challenges launched to the families of the present day.

“What about the elderly? Where do the elderly fit in? After all, what is it to be elderly?”. We seek to understand what it is to be elderly and when the old age begins. We can clarify that this is one of the stages of human life, that means it is part of the person’s life, as well as childhood and adolescence.

“And the Church? What does the Church have to tell us about these two subjects?”. Watching carefully and with concern about the changes that are taking place in the world, the Church in different documents from different times dwells on the families and elderly people, always trying to help to keep in mind the importance of both.

“And the children? What do the children say about the family?”. The children in the class where the teaching practice was developed feel the need to talk, to share and even to describe their families. They talk to us with simple language allowing us to enter their homes and families through the stories they share.

KEYWORDS

Families, society, elderly, intergenerationality, relation, Church.

ÍNDICE

RESUMO	4
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – FAMÍLIA: ONTEM E HOJE.....	12
1. O que é a Família?	11
<i>1.1. Etimologia do termo</i>	11
<i>1.2. Análise histórica e social do conceito família</i>	12
1.2.1. Na constituição da sociedade tradicional.....	13
1.2.2. Na constituição da sociedade moderna.....	14
1.2.3. Na constituição da sociedade contemporânea	14
2. Desafios às famílias nos dias de hoje	15
<i>2.1. As famílias reconstruídas</i>	15
<i>2.2. Proposta da Arquidiocese de Braga – Construir a Casa sobre a Rocha</i>	18
3. Síntese	22
CAPÍTULO II – UM OLHAR SOBRE OS IDOSOS	24
1. Os idosos na sociedade	23
<i>1.1. Como a sociedade os vê</i>	23
<i>1.2. Como a sociedade os acolhe: Avóspedagem e Aconchego</i>	26
2. Fim da vida: morte, luto e sofrimento	28
2.1. <i>Morte</i>	28
2.2. <i>Luto e Sofrimento</i>	30
3. Síntese	32
CAPÍTULO III – A FAMÍLIA E O IDOSO À LUZ DOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA.....	35
1. A família à luz dos documentos do Magistério da Igreja	34
<i>1.1. Constituição Pastoral “Gaudium Et Spes” (7 de dezembro de 1965)</i>	34

1.2. Exortação Apostólica “ <i>Familiaris Consortio</i> ” (22 de novembro de 1981)	36
1.3. Carta Encíclica “ <i>Evangelium Vitae</i> ” (25 de março de 1995)	39
1.4. Exortação Apostólica Pós- Sinodal “ <i>Amoris Laetitia</i> ” (19 de março de 2016)	41
2. “Não me rejeites no tempo da velhice; não me abandones quando já não tiver força” (Sl 71/70, 9): o Idoso	46
3. Síntese	49
CAPÍTULO IV – PLANIFICAÇÃO E LECCIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA	
“FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR” DO PROGRAMA	
DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA	
	51
1. Educar para os valores	50
1.1. Na relação escola-família.....	51
1.2. Na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica	53
2. Caracterização do contexto da Prática de Ensino Supervisionado	55
2.1. Da escola e do Agrupamento.....	55
2.2. Da turma.....	56
3. Planificação da Unidade Letiva	56
3.1. Justificação da escolha da Unidade Letiva	57
3.2. Unidade Letiva “ <i>Família, comunidade de amor</i> ”	57
3.3. Planificação aula a aula.....	58
3.3.1. Aula 1 – Família	58
3.3.2. Aula 2 – O valor e missão da família	62
3.3.3. Aula 3 – A família no tempo de Jesus	65
3.3.4. Aula 4 – Família: comunhão de pessoas que vivem no amor.....	68
3.3.5. Aula 5 – Participação e corresponsabilidade na vida em família	71
3.3.6. Aula 6 - Participação e corresponsabilidade na vida em família: conclusão.....	74
3.3.7. Aula 7 – O lugar dos mais velhos em ambiente familiar.....	77
3.4. Avaliação dos alunos	81
3.5. Autoavaliação da Prática de Ensino Supervisionada	84

4. Síntese	87
CONCLUSÃO.....	89
BIBLIOGRAFIA	93
ANEXOS.....	97

INTRODUÇÃO

Lançando um olhar atento e incontornável sobre o mundo, percebe-se que cada vez mais estamos perante famílias e que estas merecem uma reflexão e um aprofundamento cuidado. Tendo curiosidade em aprofundar esta temática, surgiu, com este Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, essa oportunidade de concretização. Este encontra-se inserido no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, área de especialização em ensino de Educação Moral e Religiosa Católica.

O presente trabalho pretende ser uma reflexão sobre as famílias e sobre os idosos, que apesar de serem temas, aparentemente diferentes, também facilmente se conseguem relacionar. Neste sentido, os idosos surgem neste trabalho como sendo parte integrante e fundamental na família, como sendo portadores de tradições, de sabedoria e de cultura. É também na e pela família que a transmissão deste património, assegurado pelos idosos, se comunica de geração em geração. Perante isto, foi escolhida a Unidade Letiva 3 – Família, Comunidade de Amor – do programa de Educação Moral e Religiosa Católica que se realizou com a turma 3 do 5º ano do 2º ciclo da Escola Dr. Francisco Sanches.

Assim, o presente trabalho estrutura-se em quatro capítulos – sendo os três primeiros de carácter reflexivo e o último referente, essencialmente, à área educativa, apresentando-se todas as estruturas pedagógicas essenciais para a lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Propõe-se um caminho. Um caminho simples, mas que espelha dedicação e empenho.

Parte-se de uma clarificação do termo família, onde se faz, inicialmente, um estudo sobre a etimologia do termo para, posteriormente, se seguir para uma reflexão histórica e social do conceito família – analisa-se esta instituição na constituição da sociedade tradicional, da sociedade moderna e da sociedade contemporânea. Após essa clarificação expõe-se os desafios que são continuamente lançados às famílias atualmente, situando-se essencialmente nas

famílias reconstruídas e na proposta de acompanhamento, discernimento e integração de pessoas divorciadas em nova união civil da Arquidiocese de Braga.

No segundo capítulo, o tema que se aprofunda são os idosos, esclarecendo-se o que são, que fase da vida é, e a forma como estes são entendidos na sociedade, ou seja, como é que esta os vê e como é que os acolhe. Neste capítulo faz-se ainda uma abordagem ao fim da vida, isto é, à morte, ao luto e ao sofrimento, uma vez que, é com a velhice e pelos idosos que a questão da morte se faz mais presente.

Já quase a meio do itinerário, aborda-se a família e os idosos à luz dos documentos do Magistério da Igreja, estabelecendo-se também aqui uma relação entre ambos os temas.

Consciente da diversidade de famílias que se podem encontrar nas escolas, o itinerário culmina estabelecendo, primariamente, um paralelismo entre a família e a escola na transmissão de valores para, posteriormente, se desenvolver uma possível planificação da lecionação dos conteúdos da Unidade Letiva.

Para a elaboração deste Relatório da Prática de Ensino Supervisionada seguiu-se a metodologia da norma Chicago 16A e obedeceu-se ao Novo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 2006.

CAPÍTULO I – FAMÍLIA: ONTEM E HOJE

Atualmente, as famílias são uma realidade dinâmica onde as mudanças e alterações que acontecem no seio destas são sentidas ao longo da vida pelos indivíduos, mas também pelas gerações sucessivas, inseridas em diferentes contextos políticos, sociais e históricos muito próprios.

Neste capítulo, procura-se fazer, primariamente, uma análise história e social do termo família ao longo dos tempos (sociedade tradicional, moderna e contemporânea). Num segundo ponto, perceber quais os desafios propostos às famílias dos dias de hoje.

1. O que é a Família?

Na sociedade hodierna, o termo família é usado de diferentes contextos e formas. Neste sentido, há uma necessidade de procura de clarificação do termo na sua etimologia para, posteriormente, se fazer uma análise história e social.

1.1. Etimologia do termo

Etimologicamente, o termo “família” vem do latim e surgiu em Roma, derivada de *famulus*¹. O conceito “família”, na Roma Antiga,

“designava o conjunto dos escravos e dos servidores, mas também toda a ‘domus’ (casa), isto é, todos os indivíduos que vivem sob o mesmo teto e os bens patrimoniais pertencentes a essa casa, numa hierarquia que mantinha, por um lado, o senhor e, por outro, a mulher, os filhos e os servidores, vivendo sob a sua dominação”².

Com o tempo, este termo foi-se estendendo, chegando a designar-se *agnati* (parentes pertencentes à linha paterna) e os *cognati* (parentes concernentes à linha materna).³

¹ Este conceito significa servidor – embora a conceção não seja igual a que usamos hoje. Cf. Maria Engrácia Leandro, “Transformações da família na história do Ocidente”, *Theologica* 41,1 (2006): 52.

² Cf. *Ibid.*, 52.

³ Estas designações de parentesco “têm variado de extensão segundo os locais, as épocas, os grupos sociais e as circunstâncias”. *Ibid.*, 52.

O termo família diz respeito, também, ao “conjunto de pessoas que possuem entre si laços de sangue ou de aliança”⁴ – que pode acontecer com nascimento e o casamento. Neste sentido, este conceito é “sinónimo de ‘parentesco’, na medida em que é constituída pelos ‘parentes’”⁵.

Este conceito deve ter sempre presente a sua estrutura e as suas funções, uma vez que, os diferentes tipos de família surgem como uma consequência das mudanças sociais e culturais.⁶ A família é, portanto, a instituição socializadora primária, “indispensável para completar o desenvolvimento inicial dos indivíduos e assegurar o seu crescimento cognitivo, social e emocional”⁷, bem como o seu bem-estar.

Desta forma, “não nos será muito útil tentar definir família em abstrato”⁸ uma vez que se trata de “um sistema complexo nas suas interações e comunicação, constituindo por múltiplos elementos, que se agregam entre si em função de laços e compromissos específicos”⁹.

1.2. Análise histórica e social do conceito família

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”. O entendimento do conceito “família” foi mudando ao longo dos tempos e das sociedades. Desta forma, parece pertinente fazer uma análise histórica e social na formação das diferentes sociedades: tradicional (ou pré-moderna), capitalista (ou de primeira modernidade) e contemporânea (ou pós-industrial).

⁴ Karin Wall, Vanessa Cunha e Susana Atalaia, “Família” in *Portugal Social de A a Z. Temas em aberto*, ed. José Luís Cardoso et al. (Paço de Arcos: Impresa Publishing - Expresso, 2013), 70.

⁵ Wall, “Família”, 70.

⁶ Cf. Alfonso Salgado Ruiz, “Diversidade y Unidad: Estructura, funciones y fortalezas de la familia”, *Sal Terrae* 103/6, nº1.201 (2015): 471.

⁷ *Ibid.*, 471.

⁸ Vitor Franco, “Família em tempo de mudança”, *Eborensia* 32 (2003): 82.

⁹ *Ibid.*, 82.

1.2.1. Na constituição da sociedade tradicional

Primariamente na cultura grega e posteriormente na cultura romana, a família é um “agregado natural”¹⁰ onde se inseria a “‘casa’ (*oikia*)”. Aqui habitam não só o casal (homem e mulher, juntamente com os filhos) mas também os escravos (“‘domésticos’ de *domus* = casa, ou *famili* de *famuli* = servos”).¹¹ É a “célula do povoado (ou *gens*, ou tribo)”¹² e regida pelo elemento mais velho da família. Contudo, muitas dessas “células de povoado” aglomeram-se formando a cidade (*polis*).¹³

São várias as diferenças entre a família na Grécia e em Roma. Na Grécia, a família era uma “esfera privada”¹⁴ e em Roma, tratava-se de uma dimensão pública.¹⁵ Uma outra diferença é a forma como as famílias se organizam: em Roma, a mais comum é a “agnática, definida pela relação à comum descendência de um mesmo antecessor, em que o pai (*pater familias*) é a fonte das relações de parentesco”¹⁶. Esta organização familiar foi-se alterando ao longo da Idade Média, onde começa a existir uma fragmentação e dispersão das famílias, “surgindo novas formas de agrupamentos familiares do tipo comunitário, que representam um modo de reorganizar a sociedade na ausência de um Estado (ou poder político central) forte”¹⁷.

Contudo, no final da Idade Média a organização familiar na Europa é bastante diferente. Neste tempo, a família centra-se em zonas urbanas (aqui encontra-se famílias nucleares ou de agregação simples) ou em zonas rurais (onde as famílias são extensas ou múltiplas)¹⁸, está inserida num determinado estrato social (classe alta – nobres, classe média e classe baixa –

¹⁰ Pierpaolo Donati, *Família no século XXI: abordagem relacional* (São Paulo: Paulinas, 2008), 55.

¹¹ A família, entendida desta forma, era caracterizada como “a esfera privada por excelência”. *Ibid.*, 55-56.

¹² *Ibid.*, 56.

¹³ Cf. *Ibid.*, 56.

¹⁴ *Ibid.*, 56.

¹⁵ Apesar desta diferença, em ambas as culturas a o poder é patriarcal e a descendência patrilinear. Cf. *Ibid.*, 56.

¹⁶ *Ibid.*, 56.

¹⁷ *Ibid.*, 56.

¹⁸ Cf. *Ibid.*, 57.

famílias camponesas)¹⁹ e “área geopolítico-cultural”, isto é, o poder político influencia na organização das famílias.²⁰

1.2.2. Na constituição da sociedade moderna

Juntamente com as cidades, vão surgindo novas formas familiares, que trazem consigo a burguesia.²¹ Com o aparecimento de novos mercados e, posteriormente, com a primeira revolução industrial, a partir do século XVII, há a formação de um tipo de família que, até então, nunca tinha surgido: a partir desta época a família tem também uma função administrativa, fazendo a ponte entre a casa e o trabalho (empresa).²²

Por oposição a esta classe burguesa, existem também os proletários, isto é, aqueles que sobrevivem apenas com o seu próprio trabalho, ficando dependentes “do mercado capitalista do trabalho, mesmo se culturalmente mantém as características de sua ascendência rural”²³.

1.2.3. Na constituição da sociedade contemporânea

À medida que as funções do Estado aumentam, a forma como as famílias se organizam também se altera.²⁴ A família dominante por entre os dirigentes (burguesa), deixa de existir dando lugar a “uma família que segue o modelo empresarial ou tecnocrático, de classe média, fortemente privatizada, privilegiada no acesso a bens e serviços”²⁵. Por sua vez, a família proletária, a que abrange o maior número de população, é agora constituída pela função pública.

Com tudo isto, no que diz respeito à formação social, a família parece perder a sua potência a ponto de tornar-se sempre menos significativa para a vida social.²⁶ A verdade é que,

¹⁹ Cf. *Ibid.*, 57.

²⁰ Se, por um lado, “na Europa mediterrânea e oriental” temos “grandes famílias” devido à fraqueza do Estado, por outro lado, “no Norte e Centro da Europa, a família já se encontra mais nuclearizada e fraca, também porque o poder político (o Estado) é mais organizado”. *Ibid.*, 57.

²¹ Esta será a “classe dominante na sociedade moderna”. *Ibid.*, 57.

²² Pensa-se que este tipo de família esteja presente em Itália desde os séculos XIII e XIV, afirmando-se os países do centro e norte da Europa na Reforma protestante, e depois desta. Cf. *Ibid.*, 57.

²³ *Ibid.*, 58.

²⁴ Cf. *Ibid.*, 58.

²⁵ *Ibid.*, 58.

²⁶ Cf. *Ibid.*, 58.

independentemente do contexto em que está inserida, a família afirma-se “sempre como uma relação que, mediando as ligações entre os indivíduos, faz sempre diferença e constitui diversidades sociais”²⁷, ou seja, as formas como as famílias se organizam podem ser diversas, contudo, esta não deixa de ser importante para a vida social.²⁸ Claro está que as funções dentro das famílias vão mudando²⁹, mediante a sociedade onde estão inseridas.

2. Desafios às famílias nos dias de hoje

Ao analisar as famílias de hoje, percebe-se que a palavra “família” ganhou diferentes significados, tornando-se, em certa medida, confusa.³⁰ Deste modo, a sociedade hodierna é constituída por diferentes modelos de família, sendo as famílias reconstruídas um desses modelos. É também numa tentativa de acolher as famílias reconstruídas que a Arquidiocese de Braga nos propõe “Contruir a Casa sobre a Rocha”, por meio de uma carta pastoral, proveniente da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*.

2.1. As famílias reconstruídas

Para falarmos de famílias reconstruídas é importante, primariamente, percebermos do que se trata. Neste sentido, as famílias reconstruídas podem ser de quatro tipos diferentes: família misturada, família recriada, família reconstituída e família alargada.³¹

Definindo-as: a família misturada é “uma família em que pelo menos um parceiro do novo casal teve filhos de uma união anterior, ou uma família composta pelo marido e pelos filhos de um casamento anterior, mulher e filhos de um casamento anterior, e filhos mais novos nascidos da união atual”³². Por sua vez, a família recriada, é “uma família reconstruída e

²⁷ Ibid., 59.

²⁸ Cf. Ibid., 59.

²⁹ Isto é, famílias com mais ou menos estabilidade, com menores ou maiores funções. Cf. Ibid., 59.

³⁰ Cf. Anna Kwak, “Família reconstruída”, in *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre a família, a vida e aspectos éticos*, ed. Conselho Pontifício para a Família (Cascais: Principia, 2010), 515.

³¹ Cf. Ibid., 516.

³² Richard Sauber, Luciano L’Abate, Gerald Weeks, William Buchanan, *The Dictionary of Family Psychology and Family Therapy* (Londres: Sage Publications, 1993), 36.

misturada ou uma família alargada que se formou pelo casamento, ou pela vida em comum de dois adultos – divorciados ou viúvos – com a possibilidade de visitar os filhos”³³. As famílias reconstituídas, são famílias em “que os cônjuges têm a custódia dos filhos nascidos durante o casamento anterior”³⁴. Por fim, as famílias alargadas podem ser de três tipos:

“1) uma família em que as crianças vivem com o progenitor que voltou a casar e com o novo cônjuge. 2) uma família em que os filhos do casamento anterior visitam os pais que voltaram a casar e os novos cônjuges. 3) uma família em que o casal não é casado, e os filhos do casamento anterior vivem juntamente com o casal, ou o visitam”³⁵.

Ora, como foi possível perceber, estas famílias formam-se “na sequência da dissolução de uma união familiar anterior”³⁶ – em que existem filhos dessa união – e onde se verificam algumas mudanças na estrutura familiar, uma vez que se insere um novo adulto que não está, biologicamente, ligado à criança.³⁷

Desta forma, há características que são fundamentais ter em conta quando se fala de famílias reconstruídas, nomeadamente, a complexidade da estrutura familiar, as fronteiras que possam daí surgir, o stress e até um conflito de fidelidade.

A complexidade da estrutura familiar nestes casos, “envolve uma ampla rede de famílias, para as quais é necessário estabelecer vínculos”³⁸. São famílias que podem ter, na sua constituição um considerável número de membros (pais biológicos, pais não-biológicos, meios irmãos, irmãos biológicos, avós, tios, primos).³⁹ Daqui advêm as fronteiras familiares que podem ser de natureza material⁴⁰ e de natureza psicológica⁴¹. Tudo isto pode causar

³³ Ibid., 334.

³⁴ Ibid., 328.

³⁵ Ibid., 379.

³⁶ Kwak, “Família reconstruída”, 516.

³⁷ O número destas famílias está a aumentar e, se antigamente, surgiam da morte de um dos pais, atualmente, surgem depois do divórcio. Cf. Ibid., 516.

³⁸ Ibid., 517.

³⁹ Cf. Ibid., 517.

⁴⁰ E aqui falamos das paredes da casa que garantem a intimidade da família. Cf. Ibid., 518.

⁴¹ Esta é mais complexa uma vez que corresponde “à autoridade e às emoções e indica o grau de familiaridade, intimidade física entre os membros da família, ou com pessoas que não fazem parte desta”. Ibid., 518.

perturbações (como stress, ansiedade), uma vez que, se está perante: a “presença ou ausência dos filhos de uma relação anterior”⁴², “disposições relacionadas com a educação dos filhos ou o direito do casal antecedente de visitar os filhos”⁴³, “número de pessoas envolvidas direta ou indiretamente na nova família”⁴⁴ e “não existência de uma relação definida claramente entre a nova família e a que lhe antecedeu”⁴⁵. Claro que, para além destas situações juntam-se alguns problemas que ficaram por resolver durante o processo de separação ou de divórcio (ou morte).⁴⁶

Algo que deve ser realçado são as funções parentais que, conseqüentemente, surgem dentro destas famílias reconstruídas.⁴⁷ Podemos ter três funções de pai ou mãe diferentes: “como pai ou mãe verdadeiros, como segundo pai ou segunda mãe e como não sendo um pai ou uma mãe”⁴⁸. Relativamente à primeira – como pai ou mãe verdadeiros – implica que o enteado seja tratado como o próprio filho.⁴⁹ No segundo, como segundo pai ou segunda mãe, “caracteriza-se pelo conflito em relação aos enteados, e pela maneira pouco espontânea de desempenhar o papel de pai ou mãe”⁵⁰. No último, não há qualquer envolvimento educativo em relação à criança onde o “não pai” ou a “não mãe” assume apenas o papel de amigo e companheiro de brincadeiras.⁵¹

Em alguns casos, encontra-se também a não aceitação, por parte dos filhos, do novo casamento dos pais biológicos, pois estes podem manter uma “falsa esperança de reconciliação dos pais naturais”⁵². Por isso, estas famílias “devem ser ‘permeáveis’, para permitir que os

⁴² Ibid., 519.

⁴³ Ibid., 519.

⁴⁴ Ibid., 519.

⁴⁵ Ibid., 519.

⁴⁶ Cf. Ibid., 519.

⁴⁷ Cf. Ibid., 521.

⁴⁸ Ibid., 521.

⁴⁹ Cf. Ibid., 521.

⁵⁰ Ibid., 521.

⁵¹ Cf. Ibid., 521.

⁵² Ibid., 522.

filhos e os pais mantenham as relações com a família anterior durante a fase de integração da nova família”⁵³.

Contudo, há aspetos positivos que também devem ser realçados: os filhos dispõem “de ambos os modelos de sexualidade e pode ser emocionalmente influenciada e sustida pelo novo pai ou pela nova mãe”⁵⁴; “graças à nova união, à criança poder ser dado um modelo de vida positivo bem como a maior interação que a criança, em virtude disso, pode aprender do padrasto ou da madrasta e dos irmãos por afinidade”⁵⁵. Do mesmo modo, o convívio com pessoas com quem não tem laços biológicos faz com que as crianças consigam, mais facilmente, desenvolver atitudes de tolerância, de compromisso e até mesmo de disponibilidade, bem como criar novas experiências e valores.⁵⁶ Claro que o modelo positivo que é oferecido à criança, não o é pelo “tipo de família, mas pelo modo como a família desempenha o seu papel”⁵⁷.

2.2. Proposta da Arquidiocese de Braga – Construir a Casa sobre a Rocha

Com o olhar atento às situações familiares presentes atualmente e numa atitude de ajuda nestas mesmas situações, a Arquidiocese de Braga, lança uma proposta, por meio de uma carta pastoral, de “Construir a Casa sobre a Rocha”⁵⁸.

Neste sentido, esta carta pastoral, seguindo o pensamento da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, faz referência à educação para a alegria do amor na família⁵⁹, à importância da preparação para o matrimónio⁶⁰ e do acolhimento dos casais jovens⁶¹. Apresenta os critérios de orientação pastoral para a aplicação do capítulo VIII⁶² (“Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”) da Exortação Apostólica acima referida.

⁵³ Ibid., 525.

⁵⁴ Ibid., 525.

⁵⁵ Ibid., 525.

⁵⁶ Cf. Ibid., 525.

⁵⁷ Ibid., 525.

⁵⁸ D. Jorge Ortega, “Carta Pastoral ‘Construir a casa sobre a rocha’ (17 de janeiro de 2018),” acedido a 7 de abril de 2018, <https://goo.gl/CJ8Z4t>.

⁵⁹ Cf. Ibid., 7-13.

⁶⁰ Cf. Ibid., 13-20.

⁶¹ Cf. Ibid., 20-25.

⁶² Cf. Ibid., 25-37.

Desta forma, esta carta pastoral propõe “elementos para um processo de acompanhamento, discernimento e integração de pessoas divorciadas em nova união civil”⁶³. Começa por elucidar que este é “um processo que requer e desenvolve-se no tempo. E, se é verdadeiro processo de discernimento, é necessário aceitar que não se tem a resposta à partida”⁶⁴. Alerta para três situações fundamentais: é necessário, para qualquer discernimento, a liberdade interior⁶⁵; “é necessário que o discernimento seja acompanhado por um elemento externo ao casal, com experiência no acompanhamento e na direção espiritual”⁶⁶ e, por último, as orientações oferecidas serão adaptadas às situações e às pessoas, específicas.⁶⁷

Este processo de discernimento desenvolve-se em cinco etapas, que são: a graça da liberdade interior, fazer memória e exame de consciência do casamento sacramental, “avaliação” da relação atual, a tomada de decisão segundo a vontade de Deus e a confirmação da decisão tomada.

Na primeira etapa, a graça da liberdade interior, que implica a retificação da intenção, “o acompanhante espiritual pode propor alguns textos da escritura com pistas para a oração e reflexão pessoal e em casal”⁶⁸; são propostos, pelo acompanhante espiritual, encontros quinzenais que permitem que o casal expresse como tem sido a oração pessoal e as partilhas que têm feito em conjunto, ou seja, será refletido as dificuldades, alegrias, medos, que apareceram com a interpretação dos textos sugeridos pelo orientador espiritual.⁶⁹ Este, por sua vez, deve “ouvir, ‘ler’ a presença do Espírito de Deus no dito ou não dito, e ir ajustando a situação à realidade propondo novos passos”⁷⁰.

⁶³ Ibid., 39.

⁶⁴ Ibid., 39.

⁶⁵ Cf. Ibid., 40.

⁶⁶ Ibid., 40.

⁶⁷ Cf. Ibid., 40.

⁶⁸ Ibid., 45-46. Alguns dos textos sugeridos são: Gn 22,1-19; 1Cor 10,23-33; Fl 3,7-14; Mt 6,25-34; Mc 2,23-28; Mc 2,17; Lc 19,1-10. Cf. Ibid., 47-48.

⁶⁹ Cf. Ibid., 46.

⁷⁰ Ibid., 46.

Na segunda etapa, fazer memória e exame de consciência do casamento sacramental, é pedida a reconciliação interior “com tudo o que foi vivido, com todas as pessoas envolvidas”⁷¹. Esta etapa implica também o reconhecimento da “quota parte de culpa no processo que levou à falência do sacramento”⁷², assumir as responsabilidades optando por atos de generosidade para com as pessoas que possam ter sofrido com a situação em questão.⁷³ Os textos Is 43, 1-7⁷⁴ e Lc 10,25-37⁷⁵ são propostas de oração e reflexão.

A terceira etapa, “avaliação” da relação atual, diz respeito à atual estabilidade do casal e da família, ou seja, “a educação dos filhos, a prática religiosa, a vida espiritual e missão da família”⁷⁶. Esta avaliação pode ser feita através dos seguintes instrumentos: “a Palavra de Deus, os documentos da Igreja, a oração pessoal, a partilha entre o casal e a partilha com o orientador espiritual”⁷⁷. É então proposta a leitura dos capítulos III⁷⁸, IV⁷⁹, V⁸⁰ e IX⁸¹ da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* e, através da leitura, ir compreendendo “onde se pode crescer mais como família e na relação com Deus”⁸².

A tomada de decisão segundo a vontade de Deus, quarta etapa, pode ser feita de acordo com os seguintes passos: “reler as notas tiradas ao longo deste tempo e resumir o processo, anotando e sublinhando o mais relevante e significativo”⁸³; tomar consciência do que correu

⁷¹ Ibid., 49.

⁷² Ibid., 49.

⁷³ Cf. Ibid., 49.

⁷⁴ Com este texto pode refletir-se a certeza do amor de Deus para consigo próprio, bem como a Sua constante presença nas suas vidas. Cf. Ibid., 50.

⁷⁵ Neste texto há questões que podem ser levantadas pelo próprio casal, como por exemplo: “o que é que realmente me/nos assaltou? O que me/nos fez mal? O que me/nos deitou abaixo?”. Ibid., 51.

⁷⁶ Ibid., 54.

⁷⁷ Ibid., 53-54.

⁷⁸ O capítulo III da *Amoris Laetitia*, intitulado “O olhar fixo em Jesus: a vocação da família”, reflete sobre: Jesus que realiza plenamente o projeto divino, a família nos documentos do magistério da Igreja, o sacramento do matrimónio, as sementes do verbo e situações imperfeitas, a transmissão da vida e a educação dos filhos e, por fim, a família e a Igreja.

⁷⁹ Este capítulo da Exortação Apostólica, “O amor no matrimónio”, reflete sobre: a nosso amor quotidiano, o amor apaixonado e a transmissão do amor.

⁸⁰ O capítulo V, intitulado “O amor que se torna fecundo”, trata sobre: acolher uma nova vida, a fecundidade alargada e a vida da família em sentido amplo.

⁸¹ O capítulo IX – “Espiritualidade conjugal e familiar” – é o último da exortação apostólica *Amoris Laetitia*. Aborda temas como: espiritualidade da comunhão sobrenatural, unidos em oração à luz da Páscoa, espiritualidade do amor exclusivo e libertador e espiritualidade da solicitude, da consolação e do estímulo.

⁸² Ibid., 54.

⁸³ Ibid., 55.

melhor e pior;⁸⁴ “ler e meditar o capítulo VIII da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*”⁸⁵; refletir sobre Lc 12,33-34, Mt 19,1-9 e Mt 12,1-8;⁸⁶ questionar-se sobre o que sentem que é a vontade de Deus para cada um, bem como o que os alegra e me entristece em tudo isto.⁸⁷ Após este percurso são propostos dois passos finais, que são: exercício de conclusão do discernimento⁸⁸ e a comparação dos prós e contras de aceder aos sacramentos⁸⁹. Com estes dois exercícios pretende-se que se tome uma decisão, conforme a vontade de Deus: aceder aos sacramentos, não aceder aos sacramentos ou para já não, optando por continuar o discernimento.⁹⁰

Na última etapa, confirmação da decisão tomada, pretende-se que, após um forte período de oração e, “tendo o processo sido bem percorrido, se o Senhor não mostrar sinais contrários à decisão tomada, então, com liberdade, assumi-la”⁹¹. É da responsabilidade do orientador espiritual “assegurar que todo o processo decorre como devia e reconhecer o papel da consciência das pessoas”⁹². Assim sendo, este deve também “confirmar, por parte da Igreja, a decisão tomada”⁹³, terminando assim com o processo de acompanhamento, discernimento e integração.⁹⁴

⁸⁴ Cf. *Ibid.*, 55.

⁸⁵ O capítulo VIII da *Amoris Laetitia*, intitulado “Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”, reflete sobre a gradualidade na pastoral, o discernimento das situações chamadas “irregulares”, as circunstâncias atenuantes do discernimento pastoral, as normas e o discernimento e a lógica da misericórdia pastoral. *Ibid.*, 55.

⁸⁶ Cf. *Ibid.*, 56.

⁸⁷ Cf. *Ibid.*, 56.

⁸⁸ Este exercício tem a duração de três semanas: na primeira deve-se “rezar e viver como se a decisão fosse não aceder aos sacramentos” (*Ibid.*, 56); na semana que se segue é pedido o oposto, ou seja, “rezar e viver como se a decisão fosse aceder aos sacramentos” (*Ibid.*, 56) e, na última semana “tomar nota das moções espirituais” (*Ibid.*, 56).

⁸⁹ Aqui é pedido que, tendo em consideração tudo o que foi rezado e lido até então, se faça uma lista com os prós e os contras.

⁹⁰ Cf. *Ibid.*, 57.

⁹¹ *Ibid.*, 58.

⁹² *Ibid.*, 58.

⁹³ *Ibid.*, 58.

⁹⁴ Cf. *Ibid.*, 58.

3. Síntese

Com este capítulo é possível compreender que “vivemos num mundo em mudança”⁹⁵ e que essas mudanças também se fazem sentir na família.

A família não é uma realidade estática, mas uma realidade que sofreu alterações ao longo dos tempos.⁹⁶ Por isso, não se procurou definir, concretamente, este conceito, mas ir à sua etimologia (como perceber que vem do latim, surgindo, primariamente, em Roma) e percorrer as alterações históricas e sociais que aconteceram no decorrer dos tempos (na era tradicional, capitalista e contemporânea).

Porém, com os pés bem assentes nos dias de hoje, percebemos que no seio familiar nem tudo é um “mar de rosas” e que em muitas casos “há muito sofrimento”⁹⁷ como o que, por exemplo, acontece “após o fracasso de um casamento”⁹⁸ e o “matrimónio e a família entram em crise”⁹⁹. Assim sendo, compete à Igreja, “contribuir para a *cura e a reconciliação* do casal em crise”¹⁰⁰. Desta forma, ao propor “Construir a Casa sobre a Rocha”, a Arquidiocese de Braga propõe também um processo de acompanhamento, discernimento e integração de pessoas divorciadas em nova união civil.

⁹⁵ Franco, “Família em tempo de mudança”, 81.

⁹⁶ Cf. Andrés Martínez Esteban, “Introducción: Familia, ¿Qué dices de ti misma?”, in *La familia: recursos y conflictos en la sociedad contemporánea*, ed María Lacalle Norieda e Andrés Martínez Esteban (Madrid: Publicaciones San Dámaso, 2009), 10.

⁹⁷ Walter Kasper, *O Evangelho da família* (São Paulo: Paulinas, 2014), 38.

⁹⁸ *Ibid.*, 38.

⁹⁹ *Ibid.*, 38.

¹⁰⁰ *Ibid.*, 38.

CAPÍTULO II – UM OLHAR SOBRE OS IDOSOS

Este capítulo tem como principal reflexão o idoso. Quando é que se inicia esta fase da vida? Como é que a sociedade os vê? Será que estes são valorizados na sociedade atual? Estas são algumas das questões que surgem imediatamente quando se pensa no idoso e que se pretendem equacionar com este capítulo.

Num primeiro ponto abordar-se-á o papel do idoso na sociedade, isto é, como a sociedade os vê e como os acolhe (através da apresentação de duas iniciativas – *Avóspedagem* e *Aconchego*).

O segundo momento, reflete sobre o envelhecimento, a morte, o luto e o sofrimento.

1. Os idosos na sociedade

Atualmente percebe-se que “ao valorizar sobretudo o jovem, o homem e a mulher que produzem”¹⁰¹ a sociedade tende, ainda que inconscientemente, a afastar “os idosos do circuito de produção, fazendo forjar para eles uma certa forma de morte social que os excluiu dos diversos tipos de enquadramento e participação social e cultural”¹⁰².

Contudo, torna-se relevante entender como a sociedade contempla esta fase da vida e de que forma é que procura acolher, por meio de projetos e iniciativas.

1.1. Como a sociedade os vê

Para conseguirmos falar dos idosos é importante considerar que o “envelhecimento não é apenas um ato biológico (...) mas ele é, ao mesmo tempo, fisiológico, psicológico social e cultural”¹⁰³.

Portanto, “o homem é mesmo aquele que entre os seres vivos, criou a noção de estatuto de ancião, de pessoa idosa, de terceira e quarta idade, numa palavra de VELHO”¹⁰⁴. A expressão

¹⁰¹ Maria Engrácia Leandro, “Inter-confluências: Idoso-Modernidade,” *Cadernos Noroeste* 7,2 (1994): 55.

¹⁰² *Ibid.*, 55.

¹⁰³ *Ibid.*, 56.

¹⁰⁴ *Ibid.*, 56.

“velho” “deriva do latim ‘vertulu’ e indica o estado do que se vai debilitando sob a ação e os efeitos do tempo (...) [e] designa uma pessoa que, atingindo uma certa idade entra normalmente num processo de atrofia dos tecidos e das funções psíquicas, sociais e culturais”¹⁰⁵. Contudo, este é um termo que tem uma conotação pejorativa para o idoso e a verdade é que os idosos sofrem com esta conotação.¹⁰⁶

O facto é que a “idade pontua a existência e estabelece certos patamares, classificando as pessoas de crianças, jovens, adultos e velhas”¹⁰⁷. Porém, esta classificação tem variado conforme as sociedades.¹⁰⁸ Atualmente os idosos, na aceção demográfica, são a classe de idade das pessoas com mais de 65 anos.¹⁰⁹ Portanto, “a reforma e/ou os primeiros sintomas de uma grande incapacidade física constituem os marcadores-chave da transição para o último estágio de vida”¹¹⁰. Ou seja, “na sociedade moderna, é geralmente no momento da reforma que o indivíduo se confronta com a tarefa de re-situar a sua vida e pensar no que fazer desse momento em diante”¹¹¹. Na cultura tradicional, o idoso tinha uma conotação positiva, isto é, “o papel do idoso era socialmente reconhecido e apreciado no seu contexto comunitário”¹¹², o que hoje não é verificável.

Apesar disto, situamo-nos num mundo “fascinado pela imagem do ser jovem, do ser belo, eficaz e capaz de múltiplas *performances*”¹¹³ e os idosos não se enquadram nestas características. É ao considerarem o envelhecimento como soma de perdas irreversíveis que os jovens têm “medo, mesmo que seja inconsciente, de se defrontar com a sua própria imagem no futuro”¹¹⁴.

¹⁰⁵ Ibid., 57.

¹⁰⁶ Cf. Ibid., 57.

¹⁰⁷ Ibid., 57.

¹⁰⁸ Sabemos que, “na Idade Média era-se velho aos 35-40 anos, porque a esperança de vida era muito curta nesta época. (...) Na África negra, uma pessoa de 50 anos é normalmente considerada de velha”. Ibid., 58.

¹⁰⁹ Cf. Ana Alexandre Fernandes, *Velhice e Sociedade* (Oeiras: Celta Editora, 1997), 1.

¹¹⁰ Félix Neto, “As pessoas idosas são pessoas: Aspectos psico-sociais do envelhecimento,” *Psicologia Educação e Cultura* 2 (1999): 298.

¹¹¹ José Augusto Rodrigues Simões, “Reflexão bioética sobre a situação do idoso e sua família,” *Ação Médica* 2 (2009): 16.

¹¹² Ibid., 16.

¹¹³ Leandro, “Inter-confluências,” 64.

¹¹⁴ Ibid., 64.

Do mesmo modo, também o idoso, quando confrontado com a realidade, percebe o quão difícil é aceitar a “perda do poder social, físico e intelectual da sua autonomia e, sobremaneira, quando se vê mais dependentes”¹¹⁵.

Em muitos casos, apercebendo-se destas fragilidades e ao entender que estes não são, de certa forma, produtivos, a sociedade ocidental “parece voltar-lhes as costas, chegando mesmo ao extremo de os considerar um peso social”¹¹⁶. Portanto, se por um lado, com o avanço da ciência, se procura prolongar a vida biológica, por outro lado, há uma morte social que se faz presente na vida dos idosos.¹¹⁷ Ora a verdade é que cada vez mais, “a sociedade impele (...) o idoso para deixar o lugar aos jovens, aos que produzem, aos que são capazes de se atualizar e aderir a novos possíveis, praticamente impossíveis para os mais velhos”¹¹⁸.

Ouve-se várias vezes: “os idosos podem ainda ser muito úteis e dar muito contributo à sociedade”¹¹⁹. Deste modo, constantemente o idoso é chamado a “provar” a sua utilidade na sociedade, não sendo “encarado como um ser nele mesmo, mas porque é apto e útil para qualquer coisa. De contrário ele é votado à exclusão social”¹²⁰.

Constata-se, assim que, do ponto de vista social, a pessoa, na sociedade ocidental, tende a morrer mais cedo na vida social do que propriamente na vida biológica.¹²¹ Portanto esta propensão para a exclusão e desvalorização dos idosos exige uma “reforma total das mentalidades e dos comportamentos da sociedade de mercado”¹²². O que acontece é que esta sociedade de mercado “investe sobretudo na acumulação de bens e objetos e desvaloriza todo o humano que não entre mais nesta lógica de produção-consumo”¹²³.

¹¹⁵ Ibid., 64.

¹¹⁶ Ibid., 65.

¹¹⁷ Cf. Ibid., 65.

¹¹⁸ Ibid., 65.

¹¹⁹ Ibid., 65.

¹²⁰ Ibid., 65.

¹²¹ Cf. Ibid., 66.

¹²² Ibid., 66.

¹²³ Ibid., 66.

Por isso, é urgente a consciencialização de se estar perante “um vazio cultural e social em relação ao papel do ancião na atual sociedade, o que impõe a urgência de se pensar em políticas públicas que facilitem a integração do idoso e a sua valorização”¹²⁴. É, portanto, necessário recriar e reinventar novas formas de solidariedade e de união entre as diferentes gerações. Estas não podem ser entendidas, separadamente, como duas entidades incapazes de se relacionarem ou em contradição.¹²⁵ Toma-se consciência de que “as idades interligam-se e cada uma, a seu modo, e todas em conjunto, contribuem para a construção de um espaço comum. Nesta perspetiva, cada um poderá aí encontrar o seu próprio espaço sem se sentir um peso para o outro”¹²⁶.

Neste sentido, apesar do envelhecimento ser considerado uma das problemáticas mais importantes das sociedades contemporâneas,¹²⁷ “é repensando a velhice e tudo o que ela implica que as sociedades se podem transformar e abrir a novos horizontes de vida mais humana para todos”¹²⁸.

1.2. Como a sociedade os acolhe: Avóspedagem e Aconchego

Tendo presente o que foi dito no ponto anterior, colocam-se algumas questões: de que forma é que a sociedade pode interligar as diferentes gerações? De que forma é que se pode, ao religar as gerações, ajudar, acompanhar e viver com os idosos? Isto é ou não possível?

De uma forma generalizada, pode afirmar-se que há programas que procuram responder, afirmativamente, a estas questões, desenvolvendo também a própria relação intergeracional. Aqui serão apresentados dois programas, em dois distritos diferentes: Braga e Porto.

¹²⁴ Simões, “Reflexão bioética,” 17.

¹²⁵ Cf. *Ibid.*, 66.

¹²⁶ *Ibid.*, 66.

¹²⁷ Este é considerado um problema porque estamos perante uma sociedade envelhecida, com uma diminuição da taxa de natalidade e um aumento no número de pessoas idosas. Cf. Neto, “As pessoas idosas,” 297.

¹²⁸ Leandro, “Inter-confluências,” 66.

A iniciativa desenvolvida em Braga intitula-se de *Avóspedagem* e é desenvolvida pelo Fundo Social em parceria com o Gabinete de Ação Social do Município de Braga e com os serviços Académicos da Universidade do Minho e da Universidade Católica de Braga.

De igual modo, uma iniciativa semelhante é desenvolvida no Porto – o programa *Aconchego* – e é promovido em parceria com a Federação Académica do Porto Social¹²⁹.

As iniciativas têm objetivos comuns: combater a solidão e o isolamento dos idosos, através do alojamento de jovens universitários, não residentes no concelho, em habitações de seniores.

Desta forma, proporcionam o diálogo solidário entre pessoas de gerações diferentes, combatem a solidão dos seniores e reduzem as despesas de alojamento por parte dos universitários.

Assim, os projetos destinam-se a estudantes universitários, com idade entre os 18 e os 35 anos, não residentes no concelho, e que queiram comprometer-se com o projeto, e seniores, com mais de 60 anos, residentes nas cidades (Braga e Porto), que vivam só ou com o cônjuge, e possuam condições para alojar um estudante universitário.

Contudo, esta iniciativa exige uma seleção dos candidatos sendo que, o acompanhamento dos mesmos é da responsabilidade da equipa técnica bem como das parcerias envolventes – em Braga é da responsabilidade do Fundo Social e do Gabinete de Ação Social do Município de Braga e no Porto é da responsabilidade da equipa técnica da Fundação Porto Social e da FAPS. Ambos os programas decorrem em conformidade com o calendário letivo, de segunda a sexta-feira, sendo os fins de semanas e os períodos de férias opcionais.¹³⁰

De facto, a relação intergeracional que se cria com a aplicação de ambas as iniciativas permite a transmissão de conhecimentos e de memórias que se fazem vivas e presentes na medida em que são partilhadas com outros, nestes casos, com jovens com tanto para aprender,

¹²⁹ A partir deste momento a referência a esta federação será feita pela sigla FAPS.

¹³⁰ Todas as informações utilizadas foram retiradas dos sites das câmaras municipais de ambos os distritos – Porto e Braga – e que se podem consultar em: <https://goo.gl/XYevcM> e <https://goo.gl/AdHRgN>.

mas também para ensinar e partilhar. Por isso, creio que se tornam projetos ricos e que devem ser valorizados.

2. Fim da vida: morte, luto e sofrimento

Sobre esta temática, primariamente, é importante esclarecer que “todos os seres vivos são voltados para a morte. O processo da morte faz parte do surgimento da vida. Para viver, é preciso continuamente morrer”¹³¹.

Com isto, e tendo presente que a morte é uma condição inerente ao ser humano, “o processo de envelhecimento não pode iludir a questão da morte, (...) da qual ele começa a dar-se conta e com a qual se começa a defrontar mais claramente quando se inicia a velhice”¹³². É neste contexto que se insere este capítulo, uma vez que, “faz parte da arte de envelhecer com dignidade saber incluir, com paz e com sentido, a morte no horizonte mais imediato da vida”¹³³.

Ora, o *fim da vida* é um assunto sobre o qual não se pensa com regularidade, uma vez que se encontra inúmeras vezes nos comportamentos atuais, o que Epicuro reflete sobre a morte: “nada tenho a ver com ela, pois quando ela cá estiver não estarei eu e enquanto cá estou, não está ela”¹³⁴.

2.1. Morte

Percebe-se que a atitude do ser humano perante a morte é diferente da concessão que o Homem primitivo tinha sobre o mesmo assunto.¹³⁵ Este entendia a morte com “serenidade, como alguém que vislumbra algo natural, para que isso lhe permitisse atravessar o limiar da morte”¹³⁶. Contrariamente a esta perspetiva, o Homem moderno, sente-se mais inseguro.¹³⁷

¹³¹ Simões, “Reflexão bioética,” 15.

¹³² Ibid., 15.

¹³³ Ibid., 15.

¹³⁴ José Miguel Stadler Dias Costa, “A mentalidade pós-moderna e o fim da vida”, in *O fim da vida*, ed. José Henrique Silveira Brito (Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2007), 23.

¹³⁵ Cf. José Antonio Sayés, *Escatología* (Madrid: Ediciones Palavra, 2006), 17.

¹³⁶ Ibid., 17.

¹³⁷ Cf. Ibid., 17.

Neste sentido, nos dias de hoje a morte tornou-se uma estranha¹³⁸, isto é, a sociedade pós-moderna tende a encontrar-se de “costas para a morte”, como se se tratasse de algo a ser evitado.¹³⁹ A morte é, então, considerada como o *grande tabu*¹⁴⁰ do século XXI.

Neste mesmo século, altera-se a atitude perante a morte, e muda, também, a forma como se morre. Assiste-se, ao comportamento típico onde se procura ocultar a morte, refletindo-se na recusa em aceitá-la, não apenas no momento em que ela ocorre, mas em todo o processo e em todas as realidades a ela ligadas.¹⁴¹ Portanto, paradoxalmente ao que acontecia antigamente, nos dias de hoje “morre-se ‘cientificamente’ no hospital, às escondidas da família, rodeado de silêncio “mortal”, e o morto não entra em casa”¹⁴².

Contudo, é fundamental a consciencialização que a morte não é um *problema*, mas dimensão da vida que nos afeta desde o princípio¹⁴³ e o ser humano de hoje, ao não compreender esta realidade, vive “a alarmante experiência do tédio, da náusea, do não sentido, da ausência de valores e de finalidade de vida, do vazio existencial”¹⁴⁴. A verdade é que a morte é algo inevitável e “não se pode fazer nada contra ela”¹⁴⁵. Compreenda-se que “banalizar a morte é banalizar a vida”¹⁴⁶.

¹³⁸ Cf. António Filipe Barbosa et al., *Morreste-me: a morte e a esperança cristã* (Porto: Secretariado Diocesano da Pastoral da Cultura do Porto, 2010), 24.

¹³⁹ Cf. *Ibid.*, 25.

¹⁴⁰ Há, ainda, quem defenda que a morte se tornou o grande tabu que veio destronar o sexo, como principal interdito e tornou-se ela mesma, uma coisa quase *pornográfica*. Cf. Geoffrey Gorer, "The pornography of death", *Encounter* 10 (1955): 49–52.

¹⁴¹ Cf. Barbosa et al., *Morreste-me: a morte e a esperança cristã*, 26.

¹⁴² Sabe-se que antigamente “morria-se em casa, quase ritualmente”. José H. Barros de Oliveira, *Viver a morte, abordagem antropológica e psicológica* (Coimbra: Almedina, 1998), 8.

¹⁴³ Cf. Barbosa et al., *Morreste-me: a morte e a esperança cristã*, 33.

¹⁴⁴ José Rui da Costa Pinto, *Questões atuais de ética médica* (Braga: Apostolado da Oração, 1984), 136.

¹⁴⁵ Sayés, *Escatología*, 19.

¹⁴⁶ *Ibid.*, 21.

2.2. Luto e Sofrimento

Da morte e de tudo o que foi abordado no ponto anterior, advém dois temas que nos parecem importantes: o luto e o sofrimento. Por isso, “o vazio, a ausência, a solidão assumem-se como gritantes expressões da amputação sofrida”¹⁴⁷.

Portanto, o conceito de morte abarca duas vertentes: a perda – “decorrente do desaparecimento físico mais ou menos súbito do objeto de vinculação”¹⁴⁸ – e o dispêndio de tempo – “necessário para a sua assimilação psicológica”¹⁴⁹.

O processo de luto pode ser simplificado “em três momentos centrais de vivências emocionais da perda: a negação, o reconhecimento e a aceitação”¹⁵⁰. A negação, acontece imediatamente ao anúncio da perda. Trata-se de um choque emocional, mesmo que a morte seja esperada, “onde pode ser experimentada uma comoção forte, mais ou menos, prolongada, eventualmente interrompida por explosões extremamente intensas de aflição e de raiva”¹⁵¹.

O segundo momento, reconhecimento emocional da perda, é entendido como “a mais difícil em termos de sofrimento, uma vez que é acompanhada de uma visível desorganização emocional do indivíduo”¹⁵². Nesta fase, o indivíduo encontra-se agitado e desorientado tendo, conseqüentemente, atitudes agressivas e um constante desânimo perante a vida, desejando o isolamento social.¹⁵³ Mais, “a angústia provocada pela rememoração do ente querido, a irritabilidade e a perda de capacidade de comunicação são outros dos fatores que dificultam o relacionamento social e a própria aceitação do enlutado”¹⁵⁴.

A aceitação emocional da perda, última fase, dá-se após a “assimilação da desconstrução do edifício de partilha afetiva que fora edificado na relação de vinculação”¹⁵⁵. A pessoa que

¹⁴⁷ José Eduardo Campos Rebelo, “Viver o luto: a morte dos próximos (pais e filhos),” in *O fim da vida*, ed. José Henrique Silveira Brito (Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2007), 155.

¹⁴⁸ *Ibid.*, 157.

¹⁴⁹ *Ibid.*, 157-158.

¹⁵⁰ *Ibid.*, 161.

¹⁵¹ *Ibid.*, 161.

¹⁵² *Ibid.*, 161.

¹⁵³ Cf. *Ibid.*, 161.

¹⁵⁴ *Ibid.*, 161.

¹⁵⁵ *Ibid.*, 161.

está a passar por todo o processo de luto, nesta fase, liberta-se da perda, ou seja, consciencializa-se da sua inevitabilidade, compreendendo que a morte não é um fracasso perante a vida.¹⁵⁶ A pessoa que sofre com a perda deve perceber que “a vida continuará com novos ajustes e diferentes objetivos e [que] estabelecem-se novos elementos de vinculação”¹⁵⁷. Tomada esta consciência, “o luto retrocede e a pessoa perdida, que no início do processo se encontrava viva e aprisionada na mente do enlutado, passa a construir uma memória comprazida”¹⁵⁸.

O sofrimento e a dor surgem também desta situação de perda e de luto. Assim, é importante “estar atentos ao nosso sofrimento e ao dos outros”¹⁵⁹, sem nunca tentar acabar com ele, mas saber coabitar e crescer com ele¹⁶⁰, uma vez que o sofrimento “é uma realidade que faz parte da condição humana”¹⁶¹ e que, por isso, é mais do que um simples problema¹⁶². Então, “tal como na vida, também a condição humana é uma realidade dinâmica que só se pode perceber como um dinamismo, um devir”¹⁶³.

Neste sentido, o “sofrer” não só diz o que a pessoa humana ainda não é, mas o que quer e pode ser e por isso torna-se do âmbito do mistério, o que não implica que não se faça uma reflexão sobre ele.¹⁶⁴ Com este pensamento, o sofrimento é entendido como o reverso da medalha de um processo de crescimento e desenvolvimento do amor a vários níveis¹⁶⁵, onde “Deus faz connosco o caminho do sofrimento para a graça. Não um Deus que passe ao lado do sofrimento ou que tenha vindo a resolver o sofrimento”¹⁶⁶.

Refletindo sobre o exemplo de Jesus, percebemos que este não escolheu ir para a cruz, mas escolheu amar;¹⁶⁷ não escolheu o sofrimento, mas o “amor revelador de Amor e do caminho

¹⁵⁶ Cf. *Ibid.*, 162.

¹⁵⁷ *Ibid.*, 162.

¹⁵⁸ *Ibid.*, 162.

¹⁵⁹ Vasco Pinto Magalhães e Henrique Manuel Pereira, *Passar da morte à VIDA* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2014), 31.

¹⁶⁰ Cf. *Ibid.*, 31–32.

¹⁶¹ *Ibid.*, 31.

¹⁶² Por ser mais do que um simples problema este não tem explicação nem pode ser resolvido. Cf. *Ibid.*, 32.

¹⁶³ *Ibid.*, 31–32.

¹⁶⁴ Cf. *Ibid.*, 32–33.

¹⁶⁵ Este pensamento leva-nos a um diálogo com o próprio sofrimento. Sendo Cf. *Ibid.*, 32.

¹⁶⁶ *Ibid.*, 32–33.

¹⁶⁷ Jesus escolheu amar, e amar sempre de tal forma a “pagar o preço que isso exige”. *Ibid.*, 35.

mais humano”¹⁶⁸. Então, o sofrimento está na Sua vida, porque a Sua vida é uma vida de amor, de entrega, de saída de Si. Jesus teria sempre um certo sofrimento, não sangrento nem o da cruz, mas morrer pelo outro, porque era Amor.¹⁶⁹

Porém, “o sofrimento não se explica. Aprende-se de alguma maneira a viver com ele e a fazer dele uma força, e uma forma de crescimento”¹⁷⁰. Contudo, “as pessoas o que querem é uma ‘receita’ e no sofrimento não há soluções nem receitas. Há caminhos. Caminhos não andados”¹⁷¹.

3. Síntese

Ao concluir este capítulo e consolidando as reflexões feitas ao longo do mesmo, é deixado claro que a forma como o idoso foi sendo interpretado varia conforme as sociedades.

Atualmente, estamos perante uma sociedade de produção, que tende a valorizar os jovens (que ainda são capazes de produzir), desvalorizando os idosos. Esquecem-se que estes

“constituem uma importante escola de vida, capaz de transmitir valores e tradições e de favorecer o crescimento dos mais jovens, os quais desse modo aprendem a buscar não somente o próprio bem, mas também o de outrem. Se os anciões se encontram em uma situação de sofrimento e dependência, necessitam não só de cuidados médicos e de uma assistência apropriada, mas sobretudo de ser tratados com amor”¹⁷².

Contudo, através dos projetos apresentados (*Avóspedagem e Aconchego*), ainda é possível uma boa relação entre os jovens e os idosos, onde ambos aprendem e ensinam.

¹⁶⁸ Ibid., 34.

¹⁶⁹ Cf. Ibid., 35.

¹⁷⁰ Vasco Pinto Magalhães e Henrique Manuel Pereira, *Pensar a vida* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2014), 191.

¹⁷¹ Ibid., 197.

¹⁷² Conselho Pontifício “Justiça e Paz”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (Cascais: Principia, 2015): 222.

O tema do fim da vida, da morte, insere-se neste contexto como sendo uma condição pensada mais frequentemente pelos idosos. O luto e o sofrimento surgem porque estão sempre ligados a uma experiência de perda.¹⁷³ Apresentam-se as fases que constituem o processo de luto (a negação, o reconhecimento e a aceitação) bem como o sofrimento sentido nas situações de perda e que nos dá “uma grande compreensão de nós próprios, uma grande compreensão dos outros e uma grande abertura ao futuro”¹⁷⁴.

¹⁷³ Cf. Ibid., 197.

¹⁷⁴ Ibid., 208-209.

CAPÍTULO III – A FAMÍLIA E O IDOSO À LUZ DOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Após termos refletido sobre a família e o idoso de uma forma geral, pareceu-nos pertinente refletir sobre o que a Igreja destaca sobre o assunto. É neste seguimento que surge este terceiro capítulo.

Desta forma, primariamente, será observada a perspectiva da Igreja em quatro documentos: *Gaudium et Spes*, *Familiaris Consortio*, *Evangelium Vitae* e *Amoris Laetitia*. Com estes pretende-se pensar na família cristã, na sua missão.

Num segundo ponto, será destacada a presença, a valorização dos idosos, bem como a relação intergeracional que, por meio destes se cria.

1. A família à luz dos documentos do Magistério da Igreja

Embora sejam vários os documentos do Magistério que se debruçam sobre a análise e o estudo da família, foram escolhidos quatro que nos pareceram mais fundamentais, tendo em conta o assunto em questão: *Gaudium et Spes*, *Familiaris Consortio*, *Evangelium Vitae* e *Amoris Laetitia*. Veremos que, apesar de serem de tempos diferentes, os quatro documentos analisam as sociedades em que se inserem de uma forma muito semelhante, entre eles.

1.1. Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*” (7 de dezembro de 1965)

É ao debater-se com alguns problemas mais urgentes da sociedade da época que este documento aborda o tema da família, uma vez que, “o bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar”¹⁷⁵.

¹⁷⁵ Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II, “Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis ‘Gaudium et spes’,” in *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966) n.º. 47. A partir deste momento, as referências feitas a este documento serão colocadas no corpo do texto com a sigla GS, seguida do número.

O presente documento do Concílio Vaticano II, refletindo sobre a família, esclarece que esta se encontrava ameaçada pela poligamia, pelo egoísmo, pelo divórcio; sendo que as condições económicas, sociopsicológicas e civis, da época, eram também perturbações do seio familiar (cf. GS 47). Contudo, apesar de todos os desafios e angústias que foram assistidos nesta instituição, é importante ter consciência que esta é, verdadeiramente, a base de todo o indivíduo (cf. GS 47). Desta forma, esta Constituição Pastoral procura “ilustrar e robustecer os cristãos e todos os homens que se esforçam por proteger e fomentar a nativa dignidade do estado matrimonial e o seu alto e sagrado valor” (GS 47).

Nesta linha de pensamento, o documento clarifica que é na vida de amor conjugal, criada pelo Criador¹⁷⁶, que os cônjuges se dão mutuamente por livre vontade um ao outro, nascendo, assim, uma instituição paralela à sociedade.¹⁷⁷ É então, pela própria natureza matrimonial e pelo amor conjugal que surge a intenção da procriação e a educação dos filhos. Só com a consciência da unidade que os envolve¹⁷⁸ e com a mútua ajuda, entre ambos, é possível um desenvolvimento da família e do bem (cf. GS 48).

Esta Constituição Pastoral alerta para uma situação importante: a responsabilidade e o dever dos pais na educação dos filhos, “sobretudo religiosa, que a eles cabe em primeiro lugar” (GS 48). Consequência disto é a colaboração dos filhos na santificação dos pais, na medida em que devem assisti-los na solidão, na velhice e nas situações de viuvez, demonstrando assim a sua “gratidão, piedade filial e confiança nos benefícios recebidos dos pais” (GS 48).

Portanto, os filhos são, sem dúvida, o maior dom do matrimónio, contribuindo para o bem dos próprios pais (cf. GS 50). Desta forma, os pais têm consciência que o dever de transmitir e educar a vida humana deve ser considerado como uma missão específica deles (cf. GS 50), uma vez que, a família é uma escola de valorização humana, na medida em que,

¹⁷⁶ E dessa forma é irrevogável. Cf. GS 48.

¹⁷⁷ Toda sociedade existe por meio da família, da mesma forma que, todo bem que existe provem dela. Cf. GS 48.

¹⁷⁸ E isto implica a consciência da importância da fidelidade de ambos, bem como da indissolubilidade da sua união. Cf. GS 48.

atingindo a idade adulta, os filhos “sejam capazes de seguir com inteira responsabilidade e sua vocação, incluindo a sagrada, e escolher um estado de vida” (GS 52).

1.2. Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981)

A Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* foi dada à Igreja e ao mundo por João Paulo II e é dirigida ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a Igreja Católica sobre a função da família cristã.¹⁷⁹ Apesar de ser um documento com alguns anos, quase quarenta, continua bastante atual para o nosso tempo, fazendo com que as questões outrora debatidas sejam ainda hoje pertinentes. Assim, procura pôr em destaque a importância do matrimônio e da família cristã.

Neste sentido, esta lembra que a “família deve ajudar o homem a discernir a própria vocação e a assumir o empenho necessário para uma maior justiça, formando-o desde o início, para relações interpessoais, ricas de justiça e de amor” (FC 2). Tendo consciência “de que o bem da sociedade e de si mesma está profundamente ligado ao bem da família” (FC 3), a Igreja compreende que é fundamental anunciar a todos qual o propósito de Deus para o matrimônio e para a família, é possível uma renovação da sociedade e, conseqüentemente, do povo de Deus (cf. FC 3).

Ao analisar a sociedade em que se insere, a Exortação Apostólica apresenta aspectos positivos – uma maior consciência de liberdade pessoal, a qualidade das relações interpessoais no matrimônio, a promoção da dignidade da mulher, a procriação responsável, a educação dos filhos, a consciência da necessidade de que se desenvolvam relações de interajuda (espiritual e material) entre as famílias, a missão eclesial da família (começa a surgir de novo) e a comprometimento da família na construção de uma sociedade mais justa (cf. FC 6) – e aspectos

¹⁷⁹ Ioannes Paulus Pp. II, “Adhortatio Apostolica ‘Familiaris Consortio’ (22 de novembro de 1981),” in *Acta Apostolicae Sedis* 74 (1982): 81-191. A partir deste momento, as referências feitas a este documento serão colocadas no corpo do texto com a sigla FC, seguida do número.

negativos – sinais de degradação de alguns valores fundamentais¹⁸⁰ – da mesma. Os aspetos negativos surgem devido à errada ideia de liberdade, muitas vezes entendida “não como capacidade de realizar a verdade do projeto de Deus sobre o matrimónio e a família, mas como força autónoma de afirmação, não raramente contra os outros, para o próprio bem-estar egoístico” (FC 6). O “Novo humanismo” (FC 8) surge como resposta a estas características negativas e consiste na necessidade de sabedoria, ou seja, é necessário recuperar os valores morais e a educação para uma “consciência moral, que faz o homem capaz de julgar e discernir os modos aptos para a sua realização segundo a verdade originária, torna-se assim uma exigência prioritária e irrenunciável” (FC 8).

Num segundo momento, este documento apresenta os desígnios de Deus relativamente ao matrimónio e à família e esclarece que o ser humano é imagem do amor de Deus, na medida em que, “o amor é (...) a fundamental e originária vocação do ser humano” (FC 11). Desta forma, clarifica que a vida no ceio familiar espelha a imagem do amor de Deus pela humanidade, demonstra a presença da comunhão entre Deus e os homens (que se cumpre com Jesus Cristo) e relaciona Jesus Cristo, enquanto esposo da Igreja, com o sacramento do matrimónio (cf. FC 13). Assim, “o matrimónio é o fundamento da mais ampla comunidade da família, pois que o próprio instituto do matrimónio e o amor conjugal se ordenam à procriação e educação da prole” (FC 14). Este amor, que é dom, permite que o amor conjugal não se esgote no interior do próprio casal, mas que se abra a “uma nova pessoa humana” (FC 14), e assim, o casal, “enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmo a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe” (FC 14). Desta forma, os pais ficam perante o “dom de uma nova responsabilidade” (FC 14). Contudo, a exortação apostólica esclarece que, “mesmo quando a procriação não é

¹⁸⁰ A degradação dos valores é notória: na errada conceção teórica e prática da independência dos cônjuges entre si, nas incertezas na relação de autoridade entre pais e filhos, nas dificuldades sentidas pela família na transmissão dos valores, no aumento dos divórcios, no aborto, na esterilização, ou seja, em toda a mentalidade contracetiva que se tem vindo a criar (cf. FC 6).

possível, nem por isso a vida conjugal perde o seu valor” (FC 14), deixando sempre em aberto diferentes formas de serviço em favor da pessoa humana: “a adoção, as várias formas de obras educativas, a ajuda a outras famílias, às crianças pobres ou deficientes” (FC 14).

É através do matrimónio e na família que se geram as diferentes relações interpessoais. Pela educação na fé, a pessoa humana é inserida na família de Deus – Igreja – deixando de fazer parte apenas da “família humana” – aqui a pessoa humana é gerada e introduzida na comunidade (cf. FC 15). Só desta forma, pela educação na fé, é possível a construção e a continuidade da Igreja (cf. FC 15).

Compete à família a tarefa de descobrir “não só a sua ‘identidade’, o que ‘é’; mas também a sua ‘missão’, o que deve ‘fazer’” (FC 17). Sabendo que a família é uma comunidade de vida e de amor, todos os seus deveres são definidos pelo amor, sendo que a sua missão é então “*guardar, revelar e comunicar o amor*” (FC 17). Contudo, há quatro deveres da família que são apresentados nesta Exortação Apostólica: a formação da comunidade de pessoas, o serviço à vida, a participação no desenvolvimento da sociedade e a participação na vida e na missão da Igreja.

Com o dever da formação da comunidade de pessoas, este documento ressalta que o primeiro dever da família é “viver fielmente a realidade da comunhão num constante empenho por fazer crescer a autêntica comunidade de pessoas” (FC 18) esclarecendo também que todos os membros têm a responsabilidade de construir a família, cada um com o seu dom específico (cf. FC 21) e sem nunca esquecer a dignidade de cada pessoa que a constitui¹⁸¹.

No que diz respeito ao serviço à vida destacam-se dois aspetos: transmissão da vida – não se limita apenas à procriação mas “alarga-se e enriquece-se com todos aqueles frutos da vida moral, espiritual e sobrenatural que o pai e a mãe são chamados a dar aos filhos e, através dos filhos, à Igreja e ao mundo” (FC 28) – e educação – os pais devem “formar os filhos para

¹⁸¹ Aqui dá-se uma especial atenção aos direitos e funções da mulher, aos direitos da criança, ao homem, (como esposo e pai) e aos idosos (cf. FC 22-27).

os valores essenciais da vida humana” (FC 37), uma vez que a “família é a primeira e fundamental escola de sociabilidade” (FC 37).

A participação no desenvolvimento da sociedade destaca: a família como célula primeira e vital da sociedade (cf. FC 42), a vida familiar como experiência de comunhão e participação (cf. FC 43), a função social e política da família (cf. FC 44) e a sociedade ao serviço da família – tanto a família como a sociedade desempenham “uma função complementar na defesa e na promoção do bem de todos os homens e de cada homem” (FC 45).

Relativamente à participação na vida e na missão da Igreja, apresenta-se a família cristã como comunidade crente e evangelizadora (cf. FC 51-54), como comunidade em diálogo com Deus (cf. FC 55-62) e como comunidade ao serviço do homem (cf. FC 63-64).

João Paulo II dedicou a quarta parte da Exortação Apostólica à pastoral familiar e onde insere as suas etapas, estruturas, responsáveis e situações (cf. FC 65-85).

1.3. Carta Encíclica “Evangelium Vitae” (25 de março de 1995)

A presente Encíclica foi publicada por S. João Paulo II a 25 de março de 1995 e é dirigida aos bispos, presbíteros e diáconos; aos religiosos e religiosas; aos leigos e a todas as pessoas de boa vontade.¹⁸² Este documento debruça-se sobre o valor da vida humana e insiste sobre o seu carácter inviolável. Neste sentido, o Sumo Pontífice esclarece que “qualquer ameaça à dignidade e à vida do homem não pode deixar de se repercutir no próprio coração da Igreja” (EV 3).

Assim, esta Encíclica refere-se à família como um “santuário de vida” (EV 92), uma vez que, “na família, cada um é reconhecido, respeitado e honrado porque pessoa, e se alguém está mais necessitado, maior e mais diligente é o cuidado por ele” (EV 92). No seio familiar, a vida deve ser acolhida e protegida para que cada indivíduo possa desenvolver-se corretamente

¹⁸² Ioannes Paulus Pp. II, “Litterae Encyclicae ‘Evangelium Vitae’ (25 de março de 1995),” in *Acta Apostolicae Sedis* 87 (1995): 401-522. A partir deste momento, as referências feitas a este documento serão colocadas no corpo do texto com a sigla EV, seguida do número.

(cf. EV 92) e, por isso, “o papel da família é *determinante e insubstituível na construção da cultura da vida*” (EV 92).

Enquanto “*igreja doméstica*, a família é chamada a anunciar, celebrar e servir o *Evangelho da vida*” (EV 92), primariamente, por meio dos conjugues, “chamados a serem transmissores da vida, (...) enquanto acontecimento onde, de modo privilegiado, se manifesta que *a vida humana é um dom recebido a fim de, por sua vez, ser dado*” (EV 92) e é por meio da educação dos filhos que isto se torna possível. É através da palavra e do seu próprio testemunho, que os pais transmitem aos filhos o “respeito do outro, o sentido da justiça, o acolhimento cordial, o diálogo, o serviço generoso, a solidariedade e os demais valores que ajudam a viver a existência como um dom” (EV 92). Esta educação, vinda dos pais cristãos para os filhos, deve permitir que estes realizem a sua vocação (cf. EV 92). Compete também aos pais instruir e demonstrar aos filhos o sentido do sofrimento e da morte, fazendo-o através de “atitudes de solidariedade, assistência e partilha com doentes e idosos no âmbito familiar” (EV 92).

Ainda em contexto familiar, o Sumo Pontífice chama a atenção para a solidariedade que pode ser concretizada em pequenas atitudes e demonstrações diárias (cf. EV 93). Sobre esta temática dá um enfoque especial às famílias que demonstram disponibilidade para adoção ou para o acolhimento de crianças abandonadas, explicando que o “verdadeiro amor paterno e materno sabe ir além dos laços da carne e do sangue (...), oferecendo-lhes quanto seja necessário para a sua vida e o seu pleno desenvolvimento” (EV 93).

Com isto, a Encíclica põe ainda em destaque o lugar e a importância do idoso, uma vez que este é “*transmissor de sabedoria, testemunha de esperança e de caridade*” (EV 94).

1.4. Exortação Apostólica Pós- Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016)

Amoris Laetitia trata-se de uma Exortação Apostólica Pós-Sinodal¹⁸³ do Papa Francisco, publicada no dia 19 de março de 2016, e é dirigida aos bispos, presbíteros e diáconos; às pessoas consagradas e aos esposos cristãos e a todos os fiéis leigos.¹⁸⁴ O seu tema central é o amor na família. O Papa Francisco começa por afirmar que a “alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja” (AL 1) e que, “o caminho sinodal permitiu analisar a situação das famílias no mundo atual, alargar a nossa perspectiva e reavivar a nossa consciência sobre a importância do matrimônio e da família” (AL 2). Tem como principal finalidade “orientar a reflexão, o diálogo ou a práxis pastoral, e simultaneamente ofereçam coragem, estímulo e ajuda às famílias na sua doação e nas suas dificuldades” (AL 4).

Num primeiro momento, é estabelecida relação com a Bíblia, uma vez que, também esta “aparece cheia de famílias, gerações, histórias de amor e de crises familiares” (AL 8). Assim, deixa-nos algumas considerações importantes, no meu entender: os pais são “os primeiros mestres da fé para os filhos” (AL 16) sendo que a educação é um dever que compete aos pais cujos filhos devem receber e praticar (cf. AL 17). Diz o Papa: “o Evangelho lembra-nos também que os filhos não são uma propriedade da família, mas espera-os o seu caminho pessoal de vida” (AL 18). Reflete também sobre a importância do trabalho não só para o desenvolvimento da sociedade, mas também para o contributo que este dá para manter a serenidade nas famílias.¹⁸⁵

Na sequência, fica claro que o “bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja. Inúmeras são as análises feitas sobre o matrimônio e a família, sobre as suas dificuldades e desafios atuais” (AL 31). Ao realizar esta análise o Papa Francisco, ouvindo os Padres,

¹⁸³ Reflexão dos dois mais recentes sínodos sobre a família: o primeiro foi realizado no Vaticano: o primeiro foi extraordinário e realizado no Vaticano de 5 a 19 de outubro de 2014, debatendo-se “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização”. O segundo sínodo foi ordinário, realizando-se de 4 a 25 de outubro de 2015 e onde se debateu “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”.

¹⁸⁴ Franciscus Pp., “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis ‘Amoris Laetitia’ (19 de março de 2016),” in *Acta Apostolicae Sedis* 108 (2016): 311-446. A partir deste momento, as referências feitas a este documento serão colocadas no corpo do texto com a sigla AL, seguida do número.

¹⁸⁵ O que acontece, em muitas famílias, é que a falta de emprego gera instabilidade na própria família (cf. AL 24-26).

acrescenta que o “ritmo da vida atual, o stresse, a organização social e laboral (...) [são] fatores culturais que colocam em risco a possibilidade de opções permanentes” (AL 33). Isto também se deve ao facto de, nem sempre, a liberdade de escolha ser utilizada adequadamente, isto é, quando é utilizada sem “objetivos nobres e disciplina” (AL 33), o que se traduz “numa incapacidade de se dar generosamente” (AL 33). Contudo, com este documento, o Papa permite que se reflita sobre a forma como os cristãos o tema do matrimónio e da família.¹⁸⁶ É-nos lançado o desafio de “apresentar o matrimónio mais como um caminho dinâmico de crescimento e realização do que como um fardo a carregar a vida inteira” (AL 37)¹⁸⁷.

O Papa Francisco lança o seu olhar atento à “cultura do provisório”¹⁸⁸, às famílias que não tem uma “habitação digna ou adequada, [o que] leva muitas vezes a adiar a formalização de uma relação” (AL 44), ao abuso sexual das crianças¹⁸⁹, às migrações e às famílias de pessoas com deficiência¹⁹⁰, às famílias que se encontram em situações miseráveis (cf. AL 49) e à toxicodpendência e ao alcoolismo (cf. AL 51).

Com todas estas situações possíveis nos dias de hoje, “não se chega a um estereótipo da família ideal, mas um interpelante mosaico formado por muitas realidades diferentes, cheias de alegrias, dramas e sonhos” (AL 57).

Falando da vocação da família, o Papa Francisco afirma que “o próprio mistério da família cristã só se pode compreender plenamente a luz do amor infinito do Pai, que se manifestou em Cristo entregue até ao fim e vivo entre nós” (AL 59). Nesta perspetiva, a Exortação Apostólica apresenta a forma como “Jesus recupera e realiza plenamente o projeto divino” (cf. AL 61-66), expõe a forma como a família é vista nos diferentes documentos da

¹⁸⁶ Sobre isto, o Papa afirma que os cristãos apresentam “um ideal teológico do matrimónio demasiado abstrato, construído quase artificialmente, distante da situação concreta e das possibilidades afetivas das famílias tais como são” (AL 36) o que faz com que o matrimónio não seja “mais desejável e atraente” (AL 36).

¹⁸⁷ A verdade é que, os cristãos, são “chamados a formar consciências, não a pretender substituí-las” (AL 37).

¹⁸⁸ Isto é, a forma veloz com que se passam de relações afetivas, o medo do compromisso e a objeção pelo tempo livre (cf. AL 39).

¹⁸⁹ Muitas vezes as crianças são abusadas no “lugar” que as deveria proteger (cf. AL 45).

¹⁹⁰ O Papa Francisco esclarece que ambas as situações (migrações e famílias de pessoas com deficiência) “são paradigmáticas: põem especialmente em questão o modo como se vive, hoje, a lógica do acolhimento misericordioso e da integração das pessoas frágeis” (AL 37).

Igreja¹⁹¹, aborda o matrimônio enquanto sacramento¹⁹² e reflete sobre transmissão da vida e a educação dos filhos (cf. AL 80-85). Relacionando a Igreja e as famílias, acrescenta que “a Igreja é família das famílias” (AL 87), pois “o amor vivido nas famílias é uma força permanente para a vida da Igreja” (AL 88).

Contudo, nada disto é suficiente se não se falar do amor (cf. AL 89). Mas, apesar de esta ser uma das palavras mais utilizadas, o uso nem sempre é o mais correto (cf. AL 89). Neste sentido, o Papa Francisco apresenta algumas características do amor, baseando-se do “hino à caridade escrito por São Paulo”¹⁹³ (AL 90). Com todas as características do amor apresentadas no hino, a presente Exortação Apostólica chama a atenção para um crescimento na caridade conjugal, isto é, “na própria natureza do amor conjugal, existe a abertura ao definitivo” (AL 123). Salienta ainda que o matrimônio é composto “de alegrias e fadigas, de tensões e repouso, de sofrimentos e libertações, de satisfações e buscas, de aborrecimentos e prazeres, sempre no caminho da amizade que impele os esposos a cuidarem um do outro” (AL 126). Não menos importante é a reflexão feita sobre a “transformação do amor” (AL 163). A verdade é que “o alongamento da vida provocou algo que não era comum noutros tempos: a relação íntima e a mútua pertença devem ser mantidas durante quatro, cinco ou seis décadas, e isto, gera a necessidade de renovar repetidas vezes a recíproca escolha” (AL 163).

Claro que todo o amor conjugal se torna fecundo e acolhe uma nova vida (cf. AL 165-166) e isto implica a espera própria da gravidez (cf. AL 168-171) bem como o amor de mãe e de pai que daí advém (cf. AL 172-177). Contudo, o Papa Francisco não deixa de parte a fecundidade alargada, como a adoção¹⁹⁴, bem como a vida da família em sentido amplo, com a

¹⁹¹ Apresenta: *Gaudium et spes, Lumen gentium, Humanei vitae, Evangelii nuntiandi, Gratissimam sane, Familiaris consortio, Deus caritas est e Caritas in veritate* (cf. AL 67-70).

¹⁹² Aqui explica que o matrimônio “não é uma convenção social, um rito vazio ou o mero sinal externo num compromisso” (AL 72); mas “é um dom para a santificação e a salvação dos esposos” (AL 72), “é uma vocação, sendo uma resposta à chamada específica para viver o amor conjugal como sinal imperfeito do amor entre Cristo e a Igreja” (AL 72) – e, por isso, é que a decisão do casamento passa antes por um discernimento vocacional (cf. AL 72), “é um sinal que não só indica quanto Cristo amou a sua Igreja na Aliança selada na Cruz, mas torna presente esse amor na comunhão dos esposos” (AL 73).

¹⁹³ Este hino encontra-se em 1Cor13, 4-7.

¹⁹⁴ Este é um “caminho para realizar a maternidade e a paternidade de uma forma muito género” (AL 179); é um “ato de amor que oferece família a quem não a tem” (AL 179).

presença dos tios, primos, de parentes de parentes e dos amigos (cf. AL 187) e onde destaca o papel específico de ser filho (cf. AL 188-190), dos idosos (cf. AL 191-193), de ser irmão (cf. AL 194-195).

Há perspectivas pastorais que não podem deixar de se referir. Neste sentido, o Papa esclarece que “os ministros ordenados carecem, habitualmente, de formação adequada para tratar dos complexos problemas atuais das famílias” (AL 202). É importante acompanhar os noivos na preparação para o matrimônio¹⁹⁵, bem como nos primeiros anos da vida matrimonial¹⁹⁶. Há algumas situações complexas que exigem acompanhamento, nomeadamente, nos momentos de crise¹⁹⁷, depois das separações e dos divórcios¹⁹⁸ - o Papa chama a atenção para a “simplificação dos procedimentos para uma eventual declaração de nulidade matrimonial” (AL 244) -, bem como quando surge a “morte de um ente querido”¹⁹⁹. A Exortação Apostólica deixa claro todas estas situações que podem acontecer no seio familiar e que a “tarefa pastoral mais importante relativamente às famílias é reforçar o amor e ajudar a curar as feridas, para podermos impedir o avanço deste drama do nosso tempo” (AL 246).

Não menos importante é o papel da família na educação dos filhos, pois, “a família não pode renunciar a ser lugar de apoio, acompanhamento, guia” (AL 260). Neste sentido, compete à família: a formação ética dos filhos²⁰⁰, o valor da sanção como estímulo²⁰¹, o paciente

¹⁹⁵ Ou seja, há uma necessidade de “ajudar os jovens a descobrir o valor e a riqueza do matrimônio” (AL 205).

¹⁹⁶ Isto é fundamental “para enriquecer e aprofundar a decisão consciente e livre de se pertencerem e amarem até ao fim” (AL 217).

¹⁹⁷ Tendo sempre presente que “cada crise implica uma aprendizagem, que permite incrementar a intensidade da vida comum” (AL 232). Isto faz com que, cada um destes momentos mais complicados esconda “uma boa notícia, que é preciso saber escutar, afinando os ouvidos do coração” (AL 232).

¹⁹⁸ Neste caso, é importante o acolhimento e a valorização da “angústia daqueles que sofrem injustamente a separação, o divórcio ou o abandono, ou então foram obrigados, pelos maus-tratos do cônjuge, a romper a convivência” (AL 241).

¹⁹⁹ Isto não deve acontecer, pois “abandonar uma família atribulada por uma morte seria uma falta de misericórdia” (AL 253).

²⁰⁰ Ora, “a tarefa dos pais inclui uma educação da vontade e um desenvolvimento de hábitos bons e tendências afetivas para o bem” (AL 264).

²⁰¹ Claro que, em casos de comportamentos agressivos, “é importante orientar a criança, com firmeza, para que peça perdão e repare o mal causado aos outros” (AL 268). Esta atitude perante determinadas situações agressivas são um “estímulo quando, ao mesmo tempo, se apreciam e reconhecem os esforços e quando o filho descobre que os seus pais conservam viva uma paciente confiança” (AL 269).

realismo (cf. AL 271-273), a vida familiar como contexto educativo²⁰², a educação sexual²⁰³ e a transmissão da fé²⁰⁴.

“Acompanhar, discernir e integrar” são os três verbos que ressoam também nesta Exortação Apostólica quando se fala de fragilidade. Neste sentido, o Papa Francisco deixa clara a gradualidade na pastoral, o discernimento das situações “irregulares”²⁰⁵ e as circunstâncias atenuantes no discernimento pastoral e, por fim, a lógica da misericórdia pastoral. Com isto, esclarece que é fundamental “ajudar cada um a encontrar a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial” (AL 297) pois, “ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho” (AL 297). Neste sentido, a “Igreja possui uma sólida reflexão sobre os condicionamentos e as circunstâncias atenuantes” (AL 301) o que faz com que já não seja “possível dizer que todos os que estão numa situação chamada ‘irregular’ vivem em estado de pecado mortal, privados da graça santificante” (AL 301). Portanto, conclui-se que, “hoje, mais importante do que uma pastoral dos falimentos é o esforço pastoral para consolidar os matrimónios e evitar as ruturas” (AL 307).

Do mesmo modo, é também importante ter consciência da espiritualidade conjugal e familiar. O Papa Francisco elucida que, “a espiritualidade do amor familiar é feita de milhares de gestos reais e concretos” (AL 315) e que “a comunhão familiar bem vivida é um verdadeiro caminho de santificação na vida (...) [e] um meio para a união íntima com Deus” (AL 316). Fazendo uma comparação com o mistério pascal explica que, “nos dias amargos da família, há uma união com Jesus abandonado (...) [e] os momentos de alegria (...) são sentidos como uma participação plena da sua Ressurreição” (AL 317). Também é no matrimónio que se vive “o

²⁰² É fundamental termos presente que “a família é o âmbito da socialização primária, porque é o primeiro lugar onde se aprende a relacionar-se com o outro, a escutar, partilhar, suportar, respeitar, ajudar, conviver” (AL 276).

²⁰³ Embora estejamos “num tempo em que se tende a valorizar e empobrecer a sexualidade” (AL 280) esta só pode ser compreendida “numa educação para o amor, para a doação mútua” (AL 280).

²⁰⁴ Este percurso de transmissão da fé vê-se “dificultado pelo estilo de vida atual, pelos horários de trabalho, pela complexidade do mundo atual” (AL 287). Contudo, “a família deve continuar a ser lugar onde se ensina a perceber as razões e a beleza da fé, a rezar e a servir o próximo” (AL 287).

sentido de pertencer completamente a uma única pessoa” (AL 319) onde, “cada um, cuidadosamente, desenha e escreve na vida do outro” (AL 322).

A Exortação termina esclarecendo que “nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada duma vez para sempre, mas requer um progressivo amadurecimento da sua capacidade de amar” (AL 325).

2. “Não me rejeites no tempo da velhice; não me abandones quando já não tiver força”

(Sl 71/70, 9): o Idoso

O título deste ponto – “Não me rejeites no tempo da velhice; não me abandones, quando já não tiver forças” (Sl 71/70, 9) – “é o brado do idoso que teme o esquecimento e o desprezo” (AL 191). Desta forma, também os documentos do Magistério da Igreja demonstram preocupação não só sobre a importância, mas também a inclusão e a valorização dos idosos e dos idosos na família.

Esta importância varia de cultura para cultura, isto é, se em algumas culturas “a pessoa de mais idade permanece inserida na família com um papel ativo importante” (EV 94), em outras, “quem chegou à velhice é sentido como um peso inútil e fica abandonado a si mesmo” (EV 94). Porém, deve ter-se consciência que a “marginalização ou mesmo a rejeição dos idosos é intolerável” (EV 94), pois é na relação com estes que é possível criar “um clima de intercâmbio recíproco e de comunicação enriquecedora entre as várias idades da vida” (EV 94).

Primariamente, é essencial “que se considere o idoso na sua dignidade de pessoa, dignidade que não diminui com o passar dos anos e com a deterioração da sua saúde física e psíquica”²⁰⁶. É possível uma apreciação positiva sobre o idoso quando procuramos uma “cultura capaz de superar os estereótipos sociais, que fazem consistir o valor da pessoa na juventude, na

²⁰⁶ Ioannes Paulus Pp. II, “Carta do Santo Padre João Paulo II aos participantes na Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento,” acedido em 19 de abril de 2018, <https://goo.gl/LWC4Hh>.

eficiência, na vitalidade física e na boa saúde”²⁰⁷. Sem isto, ficamos perante a marginalização do idoso bem como a solidão e a morte social do mesmo²⁰⁸.

Assim sendo,

“os idosos não devem ser considerados como um peso para a sociedade [e para a família], mas como um recurso que pode contribuir para o seu bem-estar. Não só podem dar testemunho de que existem aspetos da vida, como os valores humanos e culturais, morais e sociais, que não se medem em termos económicos e funcionais, mas oferecer também o seu contributo eficaz no âmbito do trabalho e no da responsabilidade. Trata-se, por fim, não só de fazer algo pelos idosos, mas de aceitar também estas pessoas como colaboradores responsáveis, com modalidades que o tornem realmente possível, como agentes de projetos partilhados, em fase de programação, de diálogo ou de realização”²⁰⁹.

Desta forma, “é necessário que a ação pastoral da Igreja estimule todos a descobrir e a valorizar o papel dos anciãos na comunidade civil e eclesial, e, em particular, na família” (FC 27).

Na família, a presença dos idosos “merece uma atenção especial”²¹⁰, uma vez que, estes através da “transmissão de tradições e hábitos, valores e virtudes”²¹¹ são a aliança entre as gerações. E, apesar disto, estes têm também uma presença acesa nas questões económicas dos filhos e nas questões educativas e da transmissão de fé dos netos.²¹²

Então, o papel dos avós é muitas vezes fulcral pois “as suas palavras, as suas carícias ou a simples presença ajudam as crianças a reconhecer que a história não começa com elas, que são herdeiras dum longo caminho e que é necessário respeitar o fundamento que as precede”

²⁰⁷ Ibid.

²⁰⁸ Cf. Ibid.

²⁰⁹ Ibid.

²¹⁰ XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *A vocação e missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo: RELATÓRIO FINAL do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre de 24 de outubro de 2015* (Lisboa: Paulinas, 2015), 18.

²¹¹ Ibid., 18.

²¹² Cf. Ibid., 18.

(AL 192). Por isso, uma das tarefas que compete à família cristã é “assegurar a ligação entre as gerações para a transmissão da fé dos valores fundamentais da vida”²¹³.

Vive-se numa sociedade em que se torna cada vez mais urgente relembrar a importância da memória. Também aqui os idosos têm um papel fundamental, uma vez que, “a falta de memória histórica é um desafio grave na nossa sociedade. É a mentalidade imatura do ‘já está ultrapassado’” (AL 193). Portanto, “conhecer e ser capaz de tomar posição perante os acontecimentos passados é a única possibilidade de construir um futuro que tenha sentido” (AL 193). Daqui advém que as histórias muitas vezes contadas pelos avós às crianças e jovens são basilares porque permitem uma ligação destes com a história da família, do meio e do país em que se inserem (cf. AL 193).

Logo, deve reafirmar-se, constantemente, “que os idosos são um valor para a sociedade, sobretudo para os jovens. Não pode haver verdadeiro crescimento humano e educação sem um contacto fecundo com os idosos, porque a sua existência é como um livro aberto no qual as jovens gerações podem encontrar indicações preciosas para o caminho da vida”²¹⁴.

Neste sentido, o Papa Francisco deixa bem claro que “uma família que não respeita nem cuida dos seus avós, que são a memória viva, é uma família desintegrada; mas uma família que recorda é uma família com futuro” (AL 193). A própria relação intergeracional, no seio familiar, é imprescindível visto que, as crianças e os mais jovens dão continuidade à história e os avós porque lhes transmitem a sabedoria e a experiência vivida.²¹⁵

Sabendo que “os idosos fornecem a memória e a sabedoria da experiência, que convida a não repetir tontamente os mesmos erros do passado”²¹⁶, estes, portanto, “são uma riqueza, [e, por isso,] não podem ser ignorados!”²¹⁷

²¹³ Ibid., 17.

²¹⁴ Benedictus, Pp. XVI, “Palavras do Papa Bento XVI em visita à Casa-Família da Comunidade de Santo Egídio em Roma a 12 de novembro de 2012”, acessado a 23 de abril de 2018, <https://goo.gl/c2wjcd>.

²¹⁵ Cf. Paola Dal Toso, *El Papa Francisco y las familias* (Madrid: San Pablo, 2014), 37.

²¹⁶ Franciscus Pp., “Adhortatio Apostolica ‘Evangelii Gaudium’ (24 de novembro de 2013),” in *Acta Apostolicae Sedis* 105 (2013): 108.

²¹⁷ Franciscus Pp., “Audiência Geral de 4 de março de 2015,” acessado a 20 de abril de 2018, <https://goo.gl/arixkS>.

Refletir sobre esta fase da vida “significa, por conseguinte, considerar a pessoa humana que, desde o nascimento até ao seu fim natural, é dom de Deus, Sua imagem e semelhança, e esforçar-se para que cada momento da sua existência seja vivido com dignidade e plenitude”²¹⁸.

3. Síntese

No fim deste percurso, percorrendo alguns dos documentos do Magistério da Igreja, foi possível compreender que embora estes se insiram em contextos temporais diferentes, os problemas e desafios que surgiram e surgem no ambiente familiar se mantêm em todos, bem como a preocupação da Igreja para com “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje” (GS 1).

A importância dos idosos, seja na sociedade ou em ambiente familiar, foi aqui apresentada também como uma preocupação da Igreja. Através de alguns documentos do Magistério da Igreja, interpela-se a pensar no idoso e na sua contribuição também em ambiente familiar, percebendo que “eles são o exemplo de conexão entre as gerações, uma riqueza para o bem-estar da família”²¹⁹. De facto, deve ter-se sempre presente que

“os anciãos são homens e mulheres, pais e mães que, antes de nós, percorreram o nosso caminho, estiveram na nossa mesma casa, combateram mesma batalha diária por uma vida digna. São homens e mulheres dos quais recebemos muito. O idoso não é um estranho. O idoso somos nós: daqui a pouco, daqui a muito tempo, contudo, inevitavelmente, embora não pensemos nisto. E se não aprendermos a tratar bem dos anciãos, seremos tratados do mesmo modo”²²⁰.

²¹⁸ Ioannes Paulus, Pp. II, “Carta do Santo Padre”.

²¹⁹ Conselho Pontifício “Justiça e Paz”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (Cascais: Principia, 2015): 222.

²²⁰ Franciscus, Pp., “Audiência Geral”.

CAPÍTULO IV – PLANIFICAÇÃO E LECCIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR” DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Este capítulo é referente a toda a planificação e leccionação da Unidade Letiva “Família, comunidade de amor”. Neste sentido, num primeiro momento, é feita uma breve reflexão da importância de educar para os valores na família. Aqui será abordada a relação entre a escola e a família e a importância da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica para a educação dos valores, quer na família, quer na escola.

Num segundo momento, é realizada a caracterização do contexto da Prática de Ensino Supervisionada que integrará a caracterização da escola e do agrupamento e ainda a caracterização da turma.

Por fim, um terceiro momento, integra a planificação da Unidade Letiva. Aqui encontra-se a justificação da escolha da mesma, as suas informações (metas e objetivos), a planificação aula a aula, a avaliação dos alunos e, por fim, uma avaliação conclusiva de toda a prática pedagógica.

1. Educar para os valores

Tanto a escola como a família têm passado por profundas transformações ao longo dos tempos. Estas mudanças, como é natural, acabam por interferir na estrutura familiar e na dinâmica escolar, de forma que a família tem vindo a colocar na escola algumas tarefas educativas que deveriam ser suas.

Assim sendo, é na tentativa que contextualizar o com todos os temas anteriormente tratados e fazendo um paralelismo com a Unidade Letiva escolhida, que surge este subcapítulo. Nele é exposto a possível relação entre escola e família – instituições estas que são fundamentais para o bom desenvolvimento do ser humano – bem como a importância da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

1.1. Na relação escola-família

Na sociedade atual é possível perceber que tanto a família como a escola enfrentam “diversos desafios relacionados com o papel e responsabilidade que cada instituição possui na formação integral da criança”²²¹. A educação e a família, desde sempre, desempenham um papel fundamental na formação do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade. Atualmente, não é diferente, uma vez que, cada vez mais se procura estabelecer uma relação entre ambas as entidades. Contudo, aproximar as duas instituições, a “difícil tarefa de educar, parece constituir cada vez mais um desafio de dimensões imprevisíveis”²²².

Desta forma, e de modo a entender a relação escola-família, é fundamental perceber qual o papel que cada uma destas instituições desenvolve e que possa possibilitar a que juntas colaborarem positivamente no processo de formação do indivíduo.²²³

A família, enquanto principal transmissora de valores, desempenha o principal papel no desenvolvimento do indivíduo.²²⁴ Assim, é dever da família afirmar-se, isto é, deve ser uma referência, estabelecendo padrões comportamentais, fortalecendo laços afetivos que lhe permitem ser uma na diversidade.²²⁵ É de notar que, no processo educativo do filho, a família/pais têm também um papel fundamental, uma vez que, “a família é a comunidade natural onde a criança toma os primeiros contactos com uma herança cultural”²²⁶, tendo assim uma grande importância no desenvolvimento de atitudes e valores que, conseqüentemente, contribuem para o sucesso educativo.²²⁷ Valores como a persistência, a seriedade, a modéstia e a honestidade permitem que o aluno cumpra os deveres que lhe são propostos pela escola.²²⁸ Já

²²¹ Luana Rocha dos Santos e João Pedro Toniosso, “A importância da relação escola-família”, *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade 1* (2014): 123, acessado no dia 20 de março de 2018, <https://goo.gl/XRzv34>.

²²² Jorge Sena, “Introdução”, in *Escola e Família: Educar um projeto comum*, coleção Fé e Educação, ed. Jorge Sena et al. (Braga: Editorial A.O., 2000), 7.

²²³ Cf. Santos, “A importância”, 123.

²²⁴ Cf. *Ibid.*, 127.

²²⁵ Cf. Sena, “Introdução”, 8.

²²⁶ Ramiro Marques, *Educar com os pais* (Lisboa: Editorial Presença, 2001), 106.

²²⁷ Cf. *Ibid.*, 106.

²²⁸ Cf. *Ibid.*, 106.

os valores como o respeito e a responsabilidade permitem que este se relacione, de forma correta, com a escola, com os professores e com os colegas.²²⁹

Por sua vez, também a escola tem um papel não menos importante do que o desempenhado pela família, na formação do indivíduo. Contudo, a esta instituição não é, um “prolongamento ou mesmo um complemento da família”²³⁰. A escola tem caracter próprio e uma autonomia específica, que projeta modelos de desenvolvimento da pessoa humana de acordo com determinados valores.²³¹ Compete a esta instituição integrar a diversidade, acolher a diferença e estimular a criatividade.²³² Deve desenvolver no indivíduo a capacidade de resolver as diversas situações, permitindo assim que o indivíduo fortaleça as habilidades e competências que lhe permitem a aquisição de conhecimentos.²³³

Após o acima exposto, podemos afirmar que “a escola sem a família não funciona”²³⁴ e vice-versa, pois, a família em colaboração com a escola permitem educar corretamente as crianças:

“a família constrói a personalidade da criança, do jovem, num contexto intimista, de transmissão geracional de valores, preocupada com uma certa evolução na continuidade, que projete o eixo familiar em direção ao futuro. A escola rompe com esta continuidade com as teias de segurança que o aconchego do lar proporciona. Propõe alternativas, está aberto à mudança, confronta e questiona os alunos, rasga horizontes, procura gerir crises em ordem a um maior amadurecimento (em vez de as resolver de forma simplista e inconsequente)”²³⁵.

²²⁹ Cf. *Ibid.*, 106.

²³⁰ Sena, “Abertura”, in *Escola e Família: Educar um projeto comum*, coleção Fé e Educação, ed. Jorge Sena et al. (Braga: Editorial A.O., 2000),12.

²³¹ Cf. *Ibid.*, 12.

²³² Cf. *Ibid.*, 12.

²³³ Cf. Santos, “A importância”,132.

²³⁴ Sena, “Abertura”, 11.

²³⁵ *Ibid.*, 13.

1.2. Na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

Para que haja um positivo progresso da sociedade, compreende-se que a educação é uma importante tarefa que deve ser levada a cabo pela mesma (onde está patente o desenvolvimento integral da criança, dos adolescentes e dos jovens).²³⁶

Apesar de a família ser “a comunidade educativa por excelência”²³⁷, a Igreja Católica está presente em diversas instâncias promotoras da Educação, sendo que a sua ação educativa se insere, especificamente, na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica²³⁸.

Esta disciplina – que proporciona um questionamento sobre o sentido da vida e tem como principal orientação formar crianças, adolescentes e jovens para que sejam ricos de interioridade, capazes de reconhecer valores como a justiça, a solidariedade, a paz, bem como usar, dignamente, a sua própria liberdade – está então ao serviço da educação integral dos alunos.²³⁹

Apesar de uma função educativa – que “transmite o património científico, cultural, ético, estético e artístico, (...) [e que permite a] aquisição de competências para o prosseguimento dos estudos ou para a inserção no mundo do trabalho”²⁴⁰ – a escola proporciona também uma convivência humana e uma integração social.²⁴¹ Neste sentido, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica “interessa à Escola e, designadamente, à escola estatal”²⁴² devido à sua capacidade “de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir”²⁴³.

Por conseguinte, desta disciplina propõe-se alcançar as seguintes finalidades:

²³⁶ Conferência Episcopal Portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade, 27 de abril de 2006,” acessado a 26 de março de 2018, <https://goo.gl/mmR1s4>.

²³⁷ Ibid.

²³⁸ Cf. Ibid.

²³⁹ Cf. Ibid.

²⁴⁰ Ibid.

²⁴¹ Cf. Ibid.

²⁴² Ibid.

²⁴³ Ibid.

- “Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Aprender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”²⁴⁴.

Neste sentido, e após o que foi exposto, é possível concluir-se que esta disciplina, em colaboração com a relação constante entre a escola e a família, é fundamental na transmissão de valores, permitindo que os alunos – crianças, adolescentes e jovens – desenvolvam não só valores como justiça, solidariedade, etc., mas também um espírito crítico sobre os assuntos que lhes são propostos a desenvolver.

²⁴⁴ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014): 5.

2. Caracterização do contexto da Prática de Ensino Supervisionado

Para um melhor entendimento da Prática Pedagógica, é essencial compreender em que contextos esta se realiza.

Assim sendo, neste subcapítulo são apresentadas e analisadas as características da escola e do agrupamento, primariamente. De seguida, faz-se referência às principais características da turma.

2.1. Da escola e do Agrupamento

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches é constituído por sete escolas, que são: Escola Básica com 2.º e 3.º ciclos (fundada em 1973), à qual se agregaram entre 2001 e 2007, a Escola Básica do 1.º ciclo de S. Victor, o Jardim de Infância das Fontes, a Escola Básica do 1.º ciclo da Misericórdia, a escola Básica do 1.º ciclo com Jardim de Infância da Quinta da Veiga, a Escola Básica do 1.º ciclo com Jardim de Infância Bairro da Alegria e a Escola Básica do 1.º ciclo com Jardim de Infância das Enguardas. Este agrupamento propõe-se atingir as seguintes metas: construir uma escola de qualidade e ser uma escola para a cidadania.²⁴⁵

A escola onde é realizada a Prática Pedagógica – Escola Básica de 2.º e 3.º ciclos Dr. Francisco Sanches – está localizada na freguesia de S. Victor (Braga). É uma escola acolhedora e sendo recentemente requalificada tem dois pisos de salas de aulas (com aquecimento, computador, projetor, e algumas com quadro interativo), um auditório, uma biblioteca, um pavilhão gimnodesportivo, laboratórios adequados e devidamente equipados para a prática experimental, uma sala do aluno, uma cantina e espaços exteriores que possibilitam a brincadeira entre os alunos. Consequência da zona onde está inserida – uma zona onde a população tem diferentes estatutos sociais, culturais e económicos e, além disso, uma população

²⁴⁵ Toda esta informação encontra-se disponível no “Projeto Educativo” do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, 4-8, acedido em 20 de março de 2016, <https://goo.gl/sosDw4>.

de emigrantes de proveniências distintas – a escola pode caracterizar-se positivamente pela sua heterogeneidade.

2.2. Da turma

Relativamente à turma, pode-se realçar que se trata da turma três do 5º ano do 2º Ciclo do Ensino Básico.

A turma tem, na sua composição, 23 alunos, dos quais dezoito estão inscritos e frequentam a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Destes dezoito alunos que frequentam a disciplina, quatro são do sexo feminino e catorze do sexo masculino, sendo que um dos alunos tem necessidades educativas especiais. A média de idades dos alunos da turma é 10 anos.

Na sua maioria, os alunos, são residentes no bairro da Enguardas e estão integrados em famílias de classe média-baixa.

3. Planificação da Unidade Letiva

Tendo em conta que a planificação é uma fase importante na lecionação, este capítulo torna-se imprescindível e necessário para a compreensão da Prática Pedagógica.

Nele é apresentado uma justificação da escolha da Unidade Letiva, para que o entendimento da mesma seja facilitado.

No momento seguinte, apresentam-se as metas e os objetivos que se pretendem atingir com a lecionação da mesma. Tudo isto, sem esquecer os conteúdos que são apresentados num subcapítulo seguinte.

De seguida, enquadra-se a planificação aula a aula. Aqui, a docente optou por fazer, não só a planificação descritiva da mesma, mas também uma autoavaliação, uma vez que, assim permite perceber mais facilmente quais os aspetos positivos e menos conseguidos de cada aula.

Assim, é exposta também uma proposta de avaliação dos alunos e, num momento final, uma autoavaliação de toda a Prática de Ensino Supervisionada.

3.1. Justificação da escolha da Unidade Letiva

A escolha da Unidade Letiva a lecionar na Prática de Ensino Supervisionada não foi, à partida, muito complicada. O tema “Família, comunidade de amor”, fez sentido logo quando surgiu a necessidade de escolher uma Unidade Letiva.

Ao observar as sociedades e os tempos, compreende-se que falar de família pode não ser uma tarefa fácil, devido à complexidade e diversidade de famílias que existem atualmente. Ainda assim, e passando por esta diversidade, os alunos gostam e sentem a necessidade de falar do assunto.

Porém, a recente Exortação Apostólica do Papa Francisco – *Amoris Laetitia* – que aborda este assunto, especificamente, inquieta, ajudando a despertar ainda mais o interesse em aprofundar esta temática. Tal como nos esclarece a Exortação, “uma família e uma casa são duas realidades que se reclamam mutuamente. Este exemplo mostra que devemos insistir nos direitos da família, e não apenas nos direitos individuais. A família é um bem de que a sociedade não pode prescindir, mas precisa de ser protegida” (AL 44).

3.2. Unidade Letiva “Família, comunidade de amor”

A Unidade Letiva “Família, comunidade de amor” integra o programa de Educação Moral e Religiosa Católica no 5ºano, edição de 2014.²⁴⁶

De acordo com este programa, esta Unidade Letiva tem as seguintes metas:

- L.** Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé;
- M.** Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano;
- P.** Identificar o fundamento religioso da moral cristã.

²⁴⁶ Na edição anterior, esta unidade letiva, integrava o programa do 6ºano.

E os seguintes objetivos:

- Reconhecer as diferentes funções da família;
- Identificar o projeto de Deus para a família;
- Promover os valores do amor na vida familiar;
- Valorizar a participação de todos na vida em família.²⁴⁷

3.3. Planificação aula a aula

A Unidade Letiva, acima descrita, está planificada para ser lecionada em seis tempos.

As aulas têm sempre a mesma estrutura: depois de escrito o sumário segue-se uma exposição de alguns dos conteúdos pela professora para, posteriormente, se desenvolver algum trabalho de grupo/individual onde os conteúdos anteriores serão trabalhados.

Ao fim de cada aula, resulta um símbolo diferente que vai ser inserido na casa (ver figura 1).



Figura 1- A Minha Família, a Minha Casa!

3.3.1. Aula 1 – Família

Sentindo a necessidade de conhecer melhor a turma com a qual se está a trabalhar, a aula inicia-se com uma breve apresentação dos alunos e da professora, relembrando assim o nome dos alunos e da professora, de modo a conhecer algumas especificidades de cada um.

Desta forma, a primeira aula, que se realiza no dia vinte e três de janeiro de dois mil e dezoito, tem como única meta de aprendizagem a **P** (identificar o fundamento religioso da moral cristã), sendo os objetivos a atingir: conhecer os alunos e definir família.

²⁴⁷ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 58.

Neste sentido, os conteúdos desenvolvidos são: a família é origem da vida humana e espaço onde se educa e cresce no amor; espaço de crescimento pessoal, através do afeto, da presença, do modelo masculino/feminino, de um clima de confiança, de intimidade, de respeito, de liberdade e responsabilidade; e lugar de acolhimento.

A grelha de planificação da aula é a seguinte:

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Unidade Letiva: Família, Comunidade de amor Aula n.º 1/7 Ano: 5º Turma: 3 Data: 23 de janeiro de 2018 Tempo previsto: 45 min.						
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: A família: etimologia e definição. Jogo «A família é...»						
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	Conhecer os alunos.		Breve apresentação dos alunos e da professora.		5 min.	Cumprimento das regras de sala de aula.
	Definir família.	A família é: - Origem da vida humana e espaço onde se educa e cresce no amor; - Espaço de crescimento pessoal, através do afeto, da presença, do modelo masculino/feminino, de um clima de confiança, de intimidade, de respeito, de liberdade e responsabilidade.	Partindo da síntese da aula anterior, será iniciado o diálogo com os alunos na tentativa de encontrar uma definição do termo família. Jogo «A família é...», em equipas.	PowerPoint; Vídeo "Carolina Deslançães – Para a vida toda"	20 min.	Observação direta, atenção, empenho, participação organizada.
		- Lugar de acolhimento.	Dinâmica das casas.	19 casas de madeira, marcadores	5 min.	Respeito pelas regras do jogo, participação ordenada. Respeito pelos materiais.

Tabela 1- Grelha de planificação da aula 1

3.3.1.1. Planificação descritiva

A aula inicia-se relembrando as regras de sala de aula.²⁴⁸ De seguida, a professora escreve o sumário no quadro, solicitando aos alunos que o copiem para os seus cadernos diários. O sumário a copiar é o seguinte: A família: etimologia e definição. Jogo “A família é...”.

Partindo da síntese da aula anterior, inicia-se o diálogo com os alunos na tentativa de encontrar uma definição do termo família. Este termo, de origem latina, foi tendo sentidos diferentes, com a evolução dos tempos. No tempo romano, a “Família” compreendia todos os indivíduos que viviam na mesma casa, debaixo do mesmo teto. Ou seja, o senhor, a mulher, os

²⁴⁸ Foi unanime no Conselho de Turma que os alunos precisam de um acompanhamento por parte da psicóloga no sentido de colmatar as dificuldades sentidas no cumprimento das regras de sala de aulas (ouvir atentamente, olhar para quem fala, usar a voz interna, mãos quietinhas, manter uma postura corporal correta).

filhos e os criados da casa. Com o passar do tempo, “Família” foi ganhando outro sentido, passando a toda a comunidade formada pelos descendentes de um mesmo antepassado. Tudo isto permite compreender que, devido às mudanças, é complicado, nos dias de hoje, encontrar uma definição única de família.²⁴⁹

Na mesma aula, realiza-se um jogo intitulado pela professora “A família é...”. O jogo consiste em cartões com letras, que juntos formarão diferentes palavras. A turma é dividida em seis grupos de três. A cada grupo entrega-se um envelope com os cartões com as letras, acima referidos, que formam as seguintes palavras: respeito, afetos, confiança, responsabilidade, intimidade e liberdade. Cada grupo tem de formar e colocar no quadro a palavra que encontram, uma vez que elas são a síntese da aula. No final desta atividade a professora questiona os alunos se há alguma palavra que desconheçam, fazendo algumas considerações finais com a ajuda dos alunos.²⁵⁰



Figura 2 - Casa que será entregue.

Por fim, é entregue aos alunos uma casa (ver figura 2) e explica-se, que além de todas as palavras encontradas, a família é também um lugar de acolhimento. A casa entregue simboliza esse *lugar* de acolhimento. Este é um objeto utilizado todas as aulas uma vez que dentro da caixa contem um símbolo que resulta de cada aula. A professora pede que decoram as partes laterais da casa (ver figura 3), colocando, cada um, o nome da sua família, dando o seu exemplo (Família Pereira).



Figura 3 - Lateral da caixa em forma de casa, que deverá ser decorada pelos alunos.

Finaliza-se a aula desejando a todos uma boa semana.

²⁴⁹ Ver o PowerPoint no Material Didático 1, em anexo.

²⁵⁰ Os cartões com as letras que, posteriormente, formam as palavras podem ver-se no Material Didático 2, em anexo.

3.3.1.2. Autoavaliação da aula

Após a realização da aula, e tentando analisar da melhor forma, compreende-se que esta foi uma aula boa, uma vez que, os objetivos estipulados, são alcançados.

Pegando no que tinha sido abordado na aula anterior, a professora, com a intervenção fundamental dos alunos, conseguiu fazer uma síntese da aula anterior. Deu continuidade à aula com uma breve exposição do termo família bem como tudo aquilo que este termo engloba, e que os alunos ouvem em silêncio.

Com o jogo “A família é...” percebe-se que os alunos compreenderam o que a docente tem exposto anteriormente, pois realizaram a tarefa com bastante empenho e perspicácia. O facto de as palavras não serem desconhecidas do léxico dos alunos também ajudou a que estes conseguissem executar bem a tarefa. No entanto, esta atividade demorou mais tempo do que o previsto.

O ponto alto da aula é, sem dúvida, com a entrega das casas. A surpresa foi perceptível pelas várias vezes em que os alunos questionaram a professora: “é mesmo para nós a casa, professora?”. Esta atitude, por parte dos alunos, revela que os mesmos estão empenhados em saber o que aquilo significa e, também, entusiasmados para cuidar cada um da sua própria casa. A professora explica que casa simboliza o *lugar* de acolhimento (introduzindo e relacionando com todas as palavras da tarefa anterior – respeito, afetos, confiança, responsabilidade, intimidade e liberdade). Na impossibilidade de decorarem as partes laterais da casa na aula, devido à falta de tempo, a professora acabou por pedir aos mesmos que o fizessem em casa, com a ajuda da família – uma das coisas menos conseguidas na aula.

Olhando para a entrega e para o entusiasmo dos alunos, pode-se afirmar que os recursos foram adequados, ajudando os alunos na compreensão dos conteúdos transmitidos.

3.3.2. Aula 2 – O valor e missão da família

A segunda aula, que se realiza no dia 30 de janeiro de 2018, tem como única meta de aprendizagem a **P** (identificar o fundamento religioso da moral cristã), já iniciada na aula anterior, sendo o objetivo a atingir o reconhecer as diferentes funções da família. Desta forma, o conteúdo desenvolvido são as funções da família: de humanização, de socialização e educação, de afetividade, de proteção e de interajuda.

A grelha de planificação da aula é a seguinte:

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Unidade Letiva: Família, Comunidade de amor Aula n.º 2/7						
Ano: 5º Turma: 3 Data: 30 de janeiro de 2018 Tempo previsto: 45 min.						
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: As funções da família. Construção da “Trança da família”.						
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	Reconhecer as diferentes funções da família.	As funções da família são: - de humanização; - de socialização e educação; - de afetividade; - de proteção; - de interajuda.	Visualização de um vídeo sobre o tema (link: https://goo.gl/dwdXxw)	Vídeo	5 min.	Atenção.
			Dinâmica das palavras em puzzle para trabalho de grupo. Conclusão da atividade, com a apresentação das considerações de cada grupo.	Cartões e ficha de trabalho.	20 min. 15 min.	Participação organizada no grupo, empenho. Participação ordenada e respeito pelas regras de sala de aula.
			Construção do símbolo “trança da família”.	Fitas de cores diferentes para a trança (azul, amarelo, verde, vermelho e rosa).	5 min.	Observação direta do empenho pela tarefa e do respeito pelos materiais.

Tabela 2 - Grelha de planificação da aula 2

3.3.2.1. Planificação descritiva

A aula inicia-se, então, com a abertura da lição e com o registo do sumário que é o seguinte: As funções da família. Construção da “Trança da família”.

Tendo em conta as metas, os objetivos e os conteúdos a desenvolver, os alunos assistem a um pequeno vídeo que é introdutório à temática a trabalhar durante a aula. Resumidamente, o vídeo demonstra a responsabilidade parental, que envolve não apenas a proteção, a educação, mas também um amor e dedicação tão grande que este pai, especificamente, tem pela sua filha,

de tal forma que lhe “mente”, quando, por exemplo, a leva ao restaurante, sabendo que a faz feliz, no entanto não come, pois, só tem possibilidade para pagar uma refeição.²⁵¹

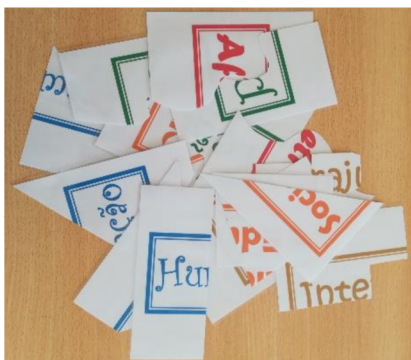


Figura 4 - Peças do puzzle

Após a visualização do vídeo e de ouvir as intervenções que os alunos fazem sobre o mesmo, a professora explica a dinâmica (do puzzle) que se segue: cada aluno tem uma diferente peça do puzzle (ver figura 4). Com ela têm de encontrar, junto dos colegas, as outras peças (duas ou três) que formam uma palavra (humanização, socialização e educação, afetividade, proteção e interajuda)²⁵². Assim, são formados os grupos de trabalho. Há medida que encontram, a professora, orienta para que se sentem de modo a dar continuidade à atividade. De seguida, a professora entrega a cada grupo uma sopa de letras onde os alunos têm de encontrar palavras relacionadas com a que formam inicialmente.



Figura 5 – Anilha com as diferentes cores

Posteriormente, a professora cede a cada grupo um pequeno texto e a partir daí devem formar uma frase para expor à turma.²⁵³

Na parte final da aula, a professora fornece a cada aluno uma anilha com cinco fitas de cores diferentes (ver figura 5) que simbolizam as cinco principais funções da família que foram trabalhadas ao longo da aula. Com este material os alunos têm de entrelaçar as fitas de modo a formar a “Trança da família” (que é também um porta-chaves – ver figura 6). Com isto, os alunos devem concluir que todas estas funções se devem entrelaçar para que haja um ambiente familiar harmonioso. Este é o símbolo que os alunos devem colocar nas suas casas.



Figura 6 - Trança da Família (exemplo)

²⁵¹ O link deste vídeo pode ver-se no Material Didático 3, em anexo.

²⁵² As imagens com as palavras, isto é, os puzzles feitos, podem ver-se no Material Didático 4, em anexo.

²⁵³ As sopas de letras, os textos e as frases (para expor à turma) podem ser consultados no Material Didático 5, em anexo.

3.3.2.2. Autoavaliação da aula

Ponderando na aula realizada, podemos concluir que foi uma boa aula.

Iniciar a aula com o vídeo permitiu que os alunos se acalmassem, fazendo silêncio e prestando atenção para que conseguissem entender a mensagem que o vídeo transmite. Quando questionados no fim do vídeo, os alunos, perspicazmente, disseram palavras que sintetizava corretamente o vídeo.²⁵⁴

Quando passaram à tarefa seguinte, notou-se alguma agitação na formação dos grupos, uma vez que a atividade exigia que os alunos andassem pela sala à procura da peça que completava o puzzle. Ainda assim, facilmente conseguiram organizar-se em grupos. Tanto a sopa de letras como o pequeno texto que foi dado permitiram que os alunos escrevessem frases adequadas e certas a cada uma das palavras. Esta atividade permitiu também uma organização em grupo, na medida em que os alunos tiveram que eleger a pessoa para explicar à turma a função da família que lhes é atribuída.

Na construção do símbolo, que foi explicado previamente pela professora, os alunos entenderam a importância de entrelaçar todas as fitas (sendo que cada uma simbolizava uma função da família diferente). Ainda assim, alguns alunos sentem alguma dificuldade em entrelaçar, sozinhos, as fitas, obrigando-os a pedir ajuda aos colegas. Desta forma, a atividade permitiu também que os alunos compreendessem a importância dos outros.

Podemos concluir, então, que os materiais utilizados na aula, foram adequados, ajudando na realização da mesma.

²⁵⁴ Algumas palavras utilizadas pelos alunos que são transcritas no quadro: amor de pai, sacrifício, respeito (da menina pelo pai e do pai pela menina), felicidade.

3.3.3. Aula 3 – A família no tempo de Jesus

Esta terceira aula realiza-se no dia seis de fevereiro de 2018. Mantém-se a meta das aulas anteriores (**P** - identificar o fundamento religioso da moral cristã) contudo, o objetivo a atingir é identificar o projeto de Deus para a família. Os conteúdos que se pretende desenvolver são: a família de Nazaré enquanto testemunho de relação de amor entre os seus membros na fidelidade e confiança em Deus e a diferença entre a família no tempo de Jesus e a família nos dias de hoje: o homem, a mulher, os filhos, as casas, os trabalhos, a sociedade.

A grelha de planificação da aula é a seguinte:

Unidade Letiva: Família, Comunidade de amor Aula n.º 3/7				Ano: 5º Turma: 3 Data: 6 de fevereiro de 2018 Tempo previsto: 45 min.		
Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: A família: do tempo de Jesus aos dias de hoje.						
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	Identificar o projeto de Deus para a família	A família de Nazaré, testemunho de relação de amor entre os seus membros na fidelidade e confiança em Deus. A diferença entre a família no tempo de Jesus e a família nos dias de hoje: o homem, a mulher, os filhos, as casas, os trabalhos...	Narração da história da família de Jesus de Nazaré (Adaptação da música de natal da Radio Comercial – 2017)	História	5 min.	Atenção.
			Partindo da história narrada anteriormente, será apresentado aos alunos o papel do homem, da mulher, dos filhos, bem como da sociedade em geral, no tempo de Jesus.	PowerPoint	10 min.	Participação organizada no grupo, empenho.
			Trabalho de grupo: diferenças entre a família no tempo de Jesus e nos dias de hoje.	Ficha de trabalho	25 min.	Participação ordenada e respeito pelas regras de sala de aula e pelos colegas.
			Entrega e decoração do símbolo para colocar na caixa (Estrela)	Estrela e marcadores	5 min.	Observação direta do empenho pela tarefa e do respeito pelos materiais.

Tabela 3 - Grelha de planificação da aula 3

3.3.3.1. Planificação descritiva

A aula tem início com a abertura da lição e o registo do sumário: a família: do tempo de Jesus aos dias de hoje.

Em função das metas e objetivos que se pretende, a professora conta a história do nascimento de Jesus (adaptação da música de natal da Radio Comercial – 2017) como

introdução para abordar as famílias no tempo de Jesus. A mesma, no fim da leitura da história, questiona os alunos se a conhecem e de que família se trata.

Após chegarem, em conjunto, à conclusão de que a história relata o nascimento de Jesus, e que fala da família de Jesus, a professora apresenta algumas características do homem, da mulher, do filho mais novo, do filho mais velho, das casas, bem como da sociedade, no tempo de Jesus. Ao apresentar as características, a professora questiona os alunos, fazendo com que estes reflitam se haverá ou não diferenças entre a família no tempo de Jesus e a família dos dias de hoje.²⁵⁵

De seguida, a turma é dividida em quatro, ficando assim com três grupos de quatro elementos e um grupo de cinco elementos. Aleatoriamente, a cada grupo é entregue um elemento que constitui a família e que foram abordados anteriormente (homem, mulher, filho mais novo, filho mais velho). Em grupo, pede-se que estes, perante o que ouviram e entenderam da aula, elenquem duas diferenças entre esse elemento nos dias de hoje e no tempo de Jesus. Após descobrir e elencar as duas diferenças, a professora irá solicitar que os alunos encenem as diferenças que descobriram.²⁵⁶ Por exemplo: o grupo que ficar com o homem, no fim de descobrir as diferenças, tem de eleger dois membros do grupo que encenem as diferenças que elencaram; um encenando o homem no tempo de Jesus, e outro encenando o homem nos dias de hoje.

No fim da aula, como tem sido habitual, a professora entrega o símbolo para os alunos inserirem na *Casa*. O símbolo desta aula será a estrela (ver figura 7). Juntamente com os alunos, a professora explica que, a estrela, na história



Figura 7 - Estrela

do nascimento de Jesus, serviu de guia aos Reis Magos e aos pastores, assim, nos dias de hoje a família é uma estrela, que os guia e os orienta.

²⁵⁵ O PowerPoint onde se apresentam as características do homem, da mulher, do filho mais novo, do filho mais velho, das casas e da sociedade, no tempo de Jesus, pode ser consultado no Material Didático 6, em anexo.

²⁵⁶ O trabalho desenvolvido pelos alunos pode ser observado no Material Didático 7, em anexo.

A professora encerra a aula afirmando que na semana seguinte não tem aula, devido à interrupção letiva do Carnaval, e deseja a todos a continuação de uma boa semana.

3.3.3.2. Autoavaliação da aula

Apesar da docente ter algum receio do tema da aula, que poderia não interessar muito aos alunos, estes conseguiram surpreender pela positiva. Deste modo, podemos afirmar que a aula correu bastante bem.

Logo no primeiro recurso utilizado – narração da história do nascimento de Jesus (adaptação da música de natal de 2017 da Radio Comercial) – alguns alunos já conheciam a história (da forma como foi contada) e ficaram animados respondendo com prontidão às questões colocadas de seguida pela docente.

Na parte expositiva, quando a professora apresentou algumas características do homem, da mulher, do filho mais novo, do filho mais velho, das casas, da sociedade, no tempo de Jesus, os alunos conseguiram facilmente comparar com os dias de hoje, o que facilitou também na resolução da atividade seguinte (onde tinham que, em grupos, elencar duas diferenças do homem, da mulher, do filho mais novo e do filho mais velho, do tempo de Jesus com os dias de hoje).

Levaram de tal forma a atividade a sério que, alguns grupos, apresentaram e encenaram as diferenças de uma forma muito interessante e criativa.

Podemos afirmar que os recursos utilizados foram os adequados.

Um aspeto menos conseguido foi a estrela como símbolo desta aula. Quando o objeto foi entregue aos alunos, estes não conseguiram de imediato compreender o porque da estrela. A professora teve então de explicar que tal como na história do nascimento de Jesus, onde a estrela serviu de guia aos Reis Magos e aos pastores, assim, também nos dias de hoje a família deve ser uma estrela, que guia e orienta. Apesar da professora ter sugerido que os alunos decorassem a estrela, estes optaram por não o fazer, afirmando que, «tinha um brilho próprio».

3.3.4. Aula 4 – Família: comunhão de pessoas que vivem no amor

A quarta aula realiza-se no dia vinte de fevereiro de 2018. A única meta de aprendizagem destacada para a aula é a **M** (reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano), sendo que o objetivo a atingir da aula é promover os valores do amor na vida familiar. Neste sentido, os conteúdos desenvolvidos são:

- A família como comunhão de pessoas que vivem no amor, uma vez que:
- Cada elemento é sujeito ativo e participante na formação dos outros e de si próprio;
- A relação vive através do acolhimento cordial, do encontro com os outros, da gratidão, do diálogo, da disponibilidade desinteressada, do serviço generoso e da solidariedade

A grelha de planificação da aula é a seguinte:

Unidade Letiva: Família, Comunidade de amor
Aula n.º 4/7

Ano: 5º | Turma: 3
Data: 20 de fevereiro de 2018
Tempo previsto: 45 min.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: A família enquanto comunhão de pessoas que vivem no amor. Jogo <i>Descobre o erro</i>.						
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	Promover os valores do amor na vida familiar.	A família como comunhão de pessoas que vivem no amor: - Cada elemento é sujeito ativo e participante na formação dos outros e de si próprio; - Relação vivida através do acolhimento cordial, do encontro com os outros, da gratidão, do diálogo, da disponibilidade desinteressada, do serviço generoso e da solidariedade.	Apresentação de uma parte do filme <i>Divertidamente</i> , como introdução da temática.	Vídeo	5 min.	Atenção.
			Jogo "Descobre o erro" em grupos	Envelopes, folhas com frases, cartões de pontos, prémio.	25min.	Participação organizada no grupo, empenho
			Considerações finais	PowerPoint	5 min.	Atenção e curiosidade dos alunos a aprender.
			Elaboração do símbolo para colocar na caixa (Coração).	Pasta de modelar e marcador	10 min.	Observação direta do empenho pela tarefa e do respeito pelos materiais.

Tabela 4 - Grelha de planificação da aula 4

3.3.4.1. Planificação descritiva

Para iniciar a aula a professora questiona os alunos de como correu o carnaval, dando assim espaço para os ouvir. De seguida, faz-se a habitual abertura da lição e o registo do sumário: A família enquanto comunhão de pessoas que vivem no amor. Jogo *Descobre o erro*.

Tendo em conta as metas e os objetivos estipulados, a professora apresenta a parte final do filme *Divertidamente*²⁵⁷. A cena final retrata a parte em que a Riley se arrepende de fugir e regressa a casa. Neste regresso, tem como principal apoio e pilar a família, que escuta com atenção o que a adolescente tem a dizer e a aconchega, terminando com a menina envolvida nos braços dos pais. A professora, no fim do vídeo, volta a questionar os alunos sobre as ideias fundamentais que estes observam com a visualização do filme.

Posteriormente os alunos jogam ao *Descobre o erro*. Para que o jogo se inicie e não seja muito confuso, a turma é, primariamente, dividida em quatro (ficando assim com três grupos de quatro elementos e um grupo de cinco elementos) à semelhança do que foi feito na aula anterior. Após estarem sentados por grupos, a professora entrega uma pequena capa a cada grupo. Em cada capa estão inseridos sete envelopes e cada envelope tem uma frase com diferentes atitudes que não devem existir para que a família consiga ser uma comunidade de amor. As frases que estão inseridas nos envelopes são: não partilhar o que tem nem o que é; não ser dialogante; ser incapaz de ajudar os outros; ser ingrato por tudo o que tem e é; ajudar com segundas intenções; ser isolado; ser arrogante. Os alunos, no grupo, devem descobrir o erro e reconstruir a frase de modo a que estas se tornem em atitudes positivas no seio familiar. Os envelopes estarão numerados de 1 a 7 e será dado o tempo de um minuto para reconstruírem a frase. Só podem passar para o envelope seguinte quando passar um minuto, para que todos os grupos tenham o mesmo tempo para refletir e reescrever a frase. O grupo que terminar primeiro tem uma pontuação de 5 pontos, sendo que os seguintes se pontuam de 4 pontos, 3 pontos e 2 pontos, respetivamente, conforme forem terminando corretamente.²⁵⁸ O processo repete-se para

²⁵⁷ O filme passa-se na mente de uma menina, Riley Andersen, onde cinco emoções – Alegria, Tristeza, Medo, Raiva e Repulsa – tentam conduzir a sua vida. Quando o pai de Riley muda de emprego, toda a família se vê obrigada a abandonar a pequena cidade onde sempre viveu no Minnesota (EUA) para se instalar em São Francisco. Para uma jovem prestes a entrar na adolescência, esta mudança não poderia acontecer em pior altura. Apesar disso, ela sabe que tem de se habituar a esta nova circunstância e não se deixar cegar pelos sentimentos. Contudo, esta situação chega ao extremo, quando a Riley no desespero acaba por fugir de casa, para voltar à cidade, da qual tem saudades – Minnesota.

²⁵⁸ As capas, os envelopes numerados (que são inseridos nas capas), as frases para reconstruir e os pontos atribuídos no jogo podem ser observados no Material Didático 8, no anexo.

as frases que se seguem. As frases reescritas podem ser as seguintes (por exemplo): partilhar o que tem e o que é; ser dialogante; ajudar os outros; agradecer tudo o que tem e o que é; ajudar sem esperar nada em troca; ir ao encontro do outro; ser cordial. No fim, os grupos devem somar



Figura 8 - "Medalha de participação"

todos os pontos que ganham com as sete frases. Todos os alunos têm uma "medalha de participação": um saco com três rebuçados

(ver figura 8). O grupo vencedor, o que tiver mais pontos, para além da "medalha de participação" recebe ainda o "grande prémio"



Figura 9 - "Grande prémio"

(ver figura 9) que é um lápis e uma borracha, metaforicamente simbolizando a necessidade de no seio familiar "apagarem" e reescreverem determinadas atitudes.

Na parte final da aula, a professora apresenta algumas considerações finais,²⁵⁹ explicando que, nem tudo nas famílias é perfeito, mas nada deve ser deixado por resolver. Assim, é possível ultrapassar as dificuldades, mas para isso é preciso ser capaz de compreender,



Figura 10 - Coração (símbolo para colocar na casa)

de ser tolerante, de saber perdoar. Todas as atitudes que os alunos reescreveram e concluíram têm sempre por base um valor importante: o amor.

Assim, a professora entregará

a cada aluno um coração feito com pasta de moldar (ver figura 10). Os alunos devem decorar o coração como entenderem e escreverem a palavra amor (ver figura 11).



Figura 11 - Exemplo de um coração decorado

Este símbolo será colocado na casa de cada um.

²⁵⁹ Estas conclusões, apresentadas em PowerPoint, podem ser consultadas no Material Didático 9, em anexo.

A professora termina a aula desejando a todos uma boa semana.

3.3.4.2. Autoavaliação da aula

Analisando a aula, podemos concluir que esta foi uma boa aula, na medida em que tanto a planificação como a gestão do tempo foram bem conseguidos. Houve bastante empenho e entusiasmo na participação e elaboração das atividades propostas, por parte dos alunos. Os recursos utilizados foram os adequados, uma vez que, permitiram aos alunos uma melhor compreensão daquilo que se pretendia. No fim de verem o vídeo, os alunos conseguiram reter ideias simples, mas muito interessantes, relativamente ao que tinham visto. O jogo permitiu também que os alunos tirassem conclusões bastante pertinentes e refletissem em algumas atitudes menos boas que tivessem na família. Notou-se também a satisfação dos alunos nos prémios que receberam do jogo.

Contudo, há aspetos menos conseguidos que podemos salientar também. Devido à forma menos simples com que a professora explicou o jogo, notou-se que, inicialmente, os alunos não compreenderam o que era pretendido com o mesmo. Houve a necessidade de voltar a explicar de uma forma mais simples.

Apesar disto, e terminando com o coração como símbolo desta quarta aula, os alunos entenderam que o amor, enquanto valor de base de atitudes boas, «é bonito»²⁶⁰ e que por isso iriam decorar muito bem o coração que lhes foi entregue.²⁶¹

3.3.5. Aula 5 – Participação e corresponsabilidade na vida em família

A quinta aula, que se realiza no dia vinte e sete de fevereiro de 2018, tem como principais metas: **M** (reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano) e **L** (estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé) que têm como principal objetivo

²⁶⁰ Expressão usada por um dos alunos.

²⁶¹ Palavras simples de um dos alunos, mas que revelam que a mensagem foi compreendida.

valorizar a participação de todos na vida em família. Perante as metas e os objetivos apresentados, os conteúdos a abordar são:

- Participação e corresponsabilidade na vida em família:
- A participação de cada um rege-se por valores não autoritários de apelo à corresponsabilidade;
- Todos os membros são chamados a encontrar soluções para as dificuldades, de acordo com as suas capacidades;
- A vivência da solidariedade, do dom de si mesmo, da justiça e do amor;
- A formação de pessoas conscientes, com atitude crítica e dialogante.

A grelha de planificação é a seguinte:

Unidade Letiva: Família, Comunidade de amor
Aula n.º 5/7

Ano: 5º | Turma: 3
Data: 27 de fevereiro de 2018
Tempo previsto: 45 min.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Participação e corresponsabilidade da vida em família: abecedário da família.						
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	Valorizar a participação de todos na vida em família.	Participação e corresponsabilidade na vida em família: - A participação de cada um rege-se por valores não autoritários de apelo à corresponsabilidade; - Todos os membros são chamados a encontrar soluções para as dificuldades, de acordo com as suas capacidades; - A vivência da solidariedade, do dom de si mesmo, da justiça e do amor; - A formação de pessoas conscientes, com atitude crítica e dialogante.	Audição de uma música Exposição acerca da participação e corresponsabilidade da vida em família. Abecedário da Família Elaboração do símbolo para colocar na caixa ("Jogo quantos-queres").	Música PowerPoint Quadro e cartões com letras Folhas de papel coloridas	5 min. 5min. 25 min. 10 min.	Atenção. Participação organizada da turma, empenho. Atenção e curiosidade dos alunos a aprender. Observação direta do empenho pela tarefa e do respeito pelo material.

Tabela 5 - Grelha de planificação da aula 5

3.3.5.1. Planificação descritiva

Como tem sido habitual, a aula inicia-se com a abertura da lição e a redação do sumário:

Participação e corresponsabilidade da vida em família: abecedário da família.

Tendo presente os objetivos e as metas estipulados, a professora apresenta uma música aos alunos, em vídeo.²⁶² De seguida, os alunos podem partilhar com a professora o que prestaram mais atenção na música, fazendo, assim, uma pequena revisão da última aula.

Após este momento conclusivo (da última aula) e introdutório (a esta aula) a professora faz um breve momento expositivo onde explica aos alunos que o contributo de cada um na família é sinal de corresponsabilidade e, por isso, eles, mesmo sendo mais pequenos, não devem ficar de fora destes momentos e devem ajudar de alguma forma. Seguindo este pensamento, a professora explica aos alunos que o ser solidário deve começar no seio familiar, uma vez que, é na família que se descobre, primariamente, a importância da justiça e a melhor forma de viver no amor.²⁶³

De forma a conseguir sintetizar todos os conteúdos abordados até então, a professora

realiza, com os alunos, um abecedário da família. Para realizar esta atividade são utilizados cartões com as letras do abecedário. Estas letras são colocadas no quadro (ver figura 12) e cada aluno terá de ir ao quadro escrever, à frente da letra que quiser, uma palavra que



Figura 12 - Quadro com as letras do abecedário

comece pela letra em questão e que, na sua opinião e tendo em conta o que têm vindo a ser abordado nas aulas, esteja relacionado com a família. Os alunos têm a possibilidade de repetir a letra onde querem escrever a palavra (não podem repetir a palavra). Após todos os alunos terem ido pelo menos uma vez ao quadro, a professora, em conjunto com toda a turma, irá ajudar a preencher as letras que não têm palavras. Com este exercício a professora pretende entender se os alunos estão, ou não, a compreender o que tem sido abordado. É natural que algumas letras tenham mais do que uma palavra associada. Caso isto aconteça, a turma vota

²⁶² A música chama-se “We are family” e faz parte do final do filme *Idade do gelo 4*. Como a música está em inglês, esta será apresentada aos alunos em formato vídeo de modo a que eles consigam perceber a letra através da tradução (presente no vídeo). O link da música está visível no Material Didático 10, em anexo.

²⁶³ O PowerPoint com a breve explicação pode ser consultado no Material Didático 11, em anexo.

qual a palavra definitiva para colocar num quadro (que a professora preparará, previamente – ver imagem f) e que será, posteriormente, colocado em exposição na escola.

Para terminar a aula, os alunos têm, como tem sido habitual, de fazer o símbolo para inserirem na casa. Nesta aula, é proposto construir um “quantos-queres”. Sendo esta atividade mais de cunho pessoal, dentro do “quantos-queres” os alunos têm que escrever as iniciais da palavra famílias. Dentro, em cada letra, devem escrever uma atitude (positiva) que pratiquem no seio familiar. Após o símbolo construído, a professora desafia os alunos a todos os dias fazerem o jogo e a atitude que surgir têm de ter especial cuidado em cumpri-la durante o dia.

A aula termina com a habitual saudação final.

3.3.5.2. Autoavaliação da aula

No geral, esta foi uma boa aula, visto que o objetivo (valorizar a participação de todos na vida em família) foi atingido.

Contudo, a gestão do tempo foi um aspeto menos conseguido pois valorizou-se de tal forma a atividade do abecedário da família que a planificação ficou por cumprir, o que pode, por outro lado, ser também um aspeto positivo por demonstrar a importância da atividade.

Apesar disso, notou-se um grande envolvimento e empenho da turma na realização da mesma. O facto de o quadro ser posteriormente exposto para toda a comunidade escolar, despertou nos alunos um sentido de responsabilidade que enriqueceu a atividade, bem como os recursos utilizados.

3.3.6. Aula 6 - Participação e corresponsabilidade na vida em família:

conclusão

Na aula anterior não foi possível concluir a planificação. Desta forma, esta sexta aula é a conclusão da aula anterior.

A aula realiza-se no dia seis de março de 2018 e, sendo uma conclusão da aula anterior, as metas mantêm-se, continuando a ser a **M** (reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do cotidiano) e **L** (estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé). Do mesmo modo, também o objetivo se mantém: valorizar a participação de todos na vida em família. Dando continuidade às metas e aos objetivos, os conteúdos a abordar são:

- Participação e corresponsabilidade na vida em família:
- A participação de cada um rege-se por valores não autoritários de apelo à corresponsabilidade;
- Todos os membros são chamados a encontrar soluções para as dificuldades, de acordo com as suas capacidades;
- A vivência da solidariedade, do dom de si mesmo, da justiça e do amor;
- A formação de pessoas conscientes, com atitude crítica e dialogante.

A grelha de avaliação da aula é a seguinte:

Unidade Letiva: Família, Comunidade de amor
Aula n.º 6/7

Ano: 5º | Turma: 3
Data: 27 de fevereiro de 2018
Tempo previsto: 45 min.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Conclusão da aula anterior.						
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do cotidiano. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	Valorizar a participação de todos na vida em família.	Participação e corresponsabilidade na vida em família: - A participação de cada um rege-se por valores não autoritários de apelo à corresponsabilidade; - Todos os membros são chamados a encontrar soluções para as dificuldades, de acordo com as suas capacidades; - A vivência da solidariedade, do dom de si mesmo, da justiça e do amor; - A formação de pessoas conscientes, com atitude crítica e dialogante.	Abecedário da Família (conclusão da atividade).	Quadro e cartões com letras	25 min.	Participação organizada da turma, empenho.
			Elaboração do símbolo para colocar na caixa ("Jogo quantos-queres").	Folhas de papel coloridas	20 min.	Observação direta do empenho pela tarefa e do respeito pelo material.

Tabela 6 - Grelha de avaliação da aula 6

3.3.6.1. Planificação descritiva

A aula inicia-se com a abertura da lição e a redação do sumário: Conclusão da aula anterior.

Na aula anterior, a atividade do abecedário da família não ficou

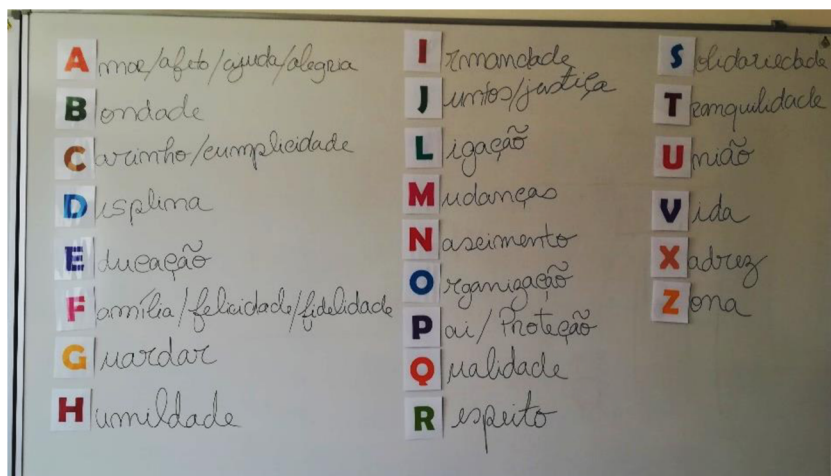


Figura 13 - Quadro com as palavras escolhidas pelos alunos

concluída. Mas tal como

previsto na aula anterior, em algumas letras do abecedário surgem mais do que uma palavra

associada. Desta forma, a professora reescreve as palavras que os

alunos disseram na aula anterior (ver figura 13), de modo a dar

continuidade à atividade. Após ter reescrito as letras e as palavras,

a turma vota qual a palavra definitiva para colocar num quadro

(que a professora prepara, previamente) e que será,

posteriormente, colocado em exposição

na escola (ver figura 14).



Figura 14 - Quadro em exposição na Escola



Figura 15 - Quantos-queres

Na parte final da aula, os alunos devem fazer o símbolo para inserirem

na casa. Terão de construir um “quantos-queres”. Esta atividade é

mais de cunho pessoal e, por isso, dentro do “quantos-queres” têm

de escrever as iniciais da palavra famílias. Dentro, em cada letra, escrevem uma atitude que

devem ter no seio familiar (ver figura 15). Após o símbolo construído, a professora desafiar os

alunos a, todos os dias, fazerem o jogo e a atitude que surgir devem ter especial cuidado em

cumpri-la durante o dia.

A aula tem apenas dois momentos fundamentais para que os alunos consigam cumprir cuidadosa e calmamente todas as atividades.

No final da aula a professora deseja uma boa semana a todos.

3.3.6.2. Autoavaliação da aula

Esta sexta aula, no geral, correu muito bem. Apesar de ser a conclusão da aula anterior, esta deu para consolidar conhecimentos e envolver a turma (como um todo) em todas as tarefas propostas. Foi notório o entusiasmo dos alunos na escolha das palavras que iríamos colocar no quadro que, posteriormente, irá ser colocado em exposição na escola. Esta tarefa atribuiu aos alunos responsabilidade.

O mesmo aconteceu com a realização dos quantos-queres. Os alunos, embora com alguma dificuldade, mostraram-se entusiasmados na elaboração deste símbolo bem como no seu preenchimento.

Um aspeto a melhorar será a gestão da participação dos alunos, uma vez que estes demonstraram bastante entusiasmo pelas atividades.

3.3.7. Aula 7 – O lugar dos mais velhos em ambiente familiar

A aula sete, que se irá realizar no dia treze de março de dois mil e dezoito, tem como principal meta de aprendizagem a **L** (estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé), sendo que o objetivo a atingir é valorizar a participação de todos na vida em família. Neste sentido, o conteúdo que será desenvolvido é o lugar dos mais velhos no ambiente familiar.

A planificação da aula é a seguinte:

Unidade Letiva: Família, Comunidade de amor
Aula n.º 7/7

Ano: 5º | Turma: 3
Data: 13 de março de 2018
Tempo previsto: 45 min.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Conclusão da aula anterior.						
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	Valorizar a participação de todos na vida em família.	O lugar dos mais velhos no ambiente familiar.	Conto de uma história e partilha dos alunos sobre as suas experiências pessoais.	Cartões, quadro.	15 min.	Participação organizada, atenção dos alunos.
			Dinâmica do puzzle: à medida que aborda os conteúdos, os alunos vão formando um puzzle.		20 min.	Participação organizada da turma, empenho.
			Elaboração do símbolo para colocar na caixa (álbum com as riquezas da família).		10 min.	Observação direta do empenho pela tarefa e do respeito pelo material.

Tabela 7 - Grelha de planificação da aula 7

3.3.7.1. Planificação descritiva

A aula inicia-se com a habitual redação do sumário nos cadernos diários. O sumário é:

- O lugar dos mais velhos em ambiente familiar.
- Conclusão da Unidade Letiva com a construção de um álbum de família.

Após este momento inicial da professora conta uma história aos alunos. A história a contar será a seguinte:

Um senhor, com alguma idade, vivia com o seu filho. Cansado da sujeira, do barulho, de ouvir o pai sempre a falar do mesmo assunto, o filho resolveu levar o pai de regresso para a sua casa fria e velha, onde ele vivia anteriormente. Chegando à casa do pai, o filho entrega-lhe uma manta para ele se poder agasalhar do frio. O pai nada disse, apenas sorriu. O filho, apressado com a hora do trabalho, despediu-se rapidamente dizendo que voltaria no fim de semana seguinte para ver se tudo estava bem.

Dias mais tarde, quando regressa à casa do pai, encontra-o no mesmo cadeirão, com o mesmo sorriso, alegre por voltar a ver o filho. Depois de conversarem por algum tempo, o pai pega numa manta que tinha ao seu lado e entrega-a ao filho, dizendo:

- Filho, a manta que me deste, cortei ao para que possas aquecer-te quando chegares à minha idade.

Em lágrimas, o filho percebeu o erro que tinha cometido e levou o pai de volta para sua casa. Lá permaneceu até ao fim dos seus dias.

Depois de contar a história, a professora questionar a opinião dos alunos sobre a história, anotando no quadro possíveis palavras fundamentais que os alunos vão dizendo. Após ouvir as opiniões dos alunos, a professora explica que a história que acabou de lhes contar foi, outrora,

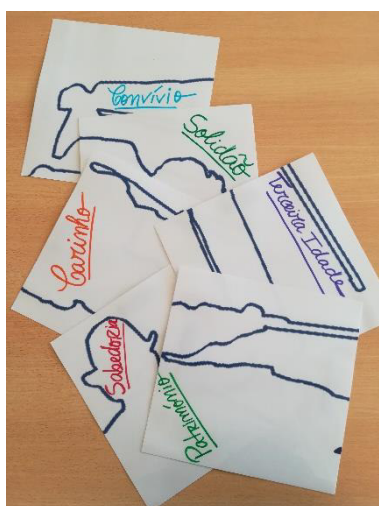


Figura 16 - Peças do puzzle com palavras

contada pelo seu avô e que ele a tem vindo a repetir aos longo dos anos. Assim pretende-se que os alunos se sintam também à vontade para falarem dos seus avós, ou de alguém mais velho da sua família.

De seguida, a professora dividir a turma em seis grupos de três elementos. A cada grupo é entregue uma peça do puzzle que contém uma palavra (ver figura 16). As palavras são: sabedoria, terceira idade, património, carinho, convívio e solidão. Posteriormente, explica que vai elencar alguns aspetos importantes sobre o lugar dos mais velhos na família. O grupo deve estar atento de modo a compreender se os conteúdos que a professora está a elencar corresponde à palavra que lhes foi atribuída (na peça do puzzle entregue a cada grupo). Os alunos vão colocando cada uma das peças no quadro de modo a formar o puzzle. O puzzle construído é a silhueta de dois idosos (ver figura 17).

Na parte final da aula é entregue a cada aluno um álbum (ver figura 18). Cada parte do álbum suscita a um preenchimento diferente. É pedido o seguinte: um sentimento, uma

Os recursos utilizados foram apropriados, uma vez que, facilitou a aprendizagem dos alunos (a imagem que foi formada no quadro – silhuetas dos dois idosos – com as palavras – terceira idade, carinho, património, solidão, convívio, sabedoria – permitiu que os alunos valorizassem as palavras bem como o significado de cada uma delas – explicado pela professora no decorrer da aula).

3.4. Avaliação dos alunos

Tendo consciência que a principal função da avaliação é “a de se propor ajudar os professores, os alunos, e os pais (como parceiro indispensável do processo pedagógico escolar) a intervir de forma planeada e consequente no processo de ensino-aprendizagem”²⁶⁴, esta deve ser um processo contínuo e sistemático, na medida em que, todas as aulas é analisado o desempenho dos alunos.

A avaliação feita aos alunos na Prática de Ensino Supervisionada foi, principalmente, formativa, uma vez que, aula a aula estes foram avaliados de acordo com a participação, o empenho, a atenção e o cumprimento das tarefas propostas pela docente.

²⁶⁴ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014): 160.

Os critérios de avaliação usados foram os seguintes:

Avaliação do desempenho dos alunos na disciplina de EMRC, Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Domínio	Crítérios / Parâmetros	Perfil de desempenho/indicadores de nível	Ponderações	Instrumentos de avaliação
Conhecimentos a adquirir	Correção/adequação <ul style="list-style-type: none"> • Na definição • Na descrição 	Reproduz informação.	40%	<ul style="list-style-type: none"> • Fichas de trabalho • Fichas de avaliação • Fichas de autoavaliação • Trabalhos de pesquisa • Apresentações orais • Apresentações escritas em suporte informático
		Interpreta factos/dados / imagens.		
		Relaciona conceitos.		
		Reconhece / Identifica princípios, teorias, conceitos e credos religiosos.		
		Apresenta um discurso oral e escrito claro e rigoroso.		
Capacidades a desenvolver	Correção/adequação <ul style="list-style-type: none"> • Na utilização 	Seleciona fontes de informação.	40%	<ul style="list-style-type: none"> • Fichas de autoavaliação • Trabalhos de pesquisa • Apresentações orais • Apresentações escritas em suporte informático
		Recolhe informação.		
		Utiliza linguagem específica da disciplina.		
		Elabora/interpreta textos, esquemas e tabelas.		
		Questiona a realidade/Responde a questões.		
		Resolve /Pondera situações e dilemas do quotidiano.		
Compromisso com a aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Na participação 	Realiza trabalhos de pesquisa.	20%	<ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação
		Utiliza dispositivos de apoio à aprendizagem e expressão do conhecimento (dicionários, enciclopédias, recursos informáticos ...)		
		Desenvolve as atividades propostas com empenho.		
	<ul style="list-style-type: none"> • No cumprimento de regras 	Realiza os trabalhos que lhe são solicitados com correção.		
		Realiza os trabalhos de grupo com espírito colaborativo.		
	Respeita a participação dos colegas.			
	Cumpra os prazos das tarefas que lhe são propostas.			
	Responde às solicitações do professor e/ou dos			

Tabela 8 - Avaliação do desempenho dos alunos na disciplina de EMRC

Para além destes critérios, que avaliam o desempenho dos alunos, foram utilizados também critérios de perfil do aluno que ajudaram a compreender qual o nível que se adequava ao aluno. Os critérios são os seguintes:

Critérios de avaliação	Domínios e Ponderação	Perfil do aluno/ Indicador de nível				
		NÍVEL 1	NÍVEL 2	NÍVEL 3	NÍVEL 4	NÍVEL 5
Correção/adequação	Conhecimentos a adquirir/Capacidades a desenvolver 80%	<p>O aluno não é capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> Interpretar a realidade histórica, cultural e social e relacioná-la com a vida. Interpretar produções culturais (literárias, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos, Construir um sentido para a realidade pessoal e social. Revelar respeito pela natureza, pelas questões da água, e dos seres criados. Aplicar na abordagem social, técnicas elementares de pesquisa e de organização de dados. Respeitar outros povos, culturas e diversas confissões religiosas. Consultar a Bíblia e interpretar textos bíblicos, relacionando-os com a vida. Conhecer um universo de valores acerca da vivência da liberdade, da amizade, do amor e da sexualidade. Utilizar vocabulário específico de EMR na comunicação oral e escrita. 	<p>O aluno não é capaz de, com rigor:</p> <ul style="list-style-type: none"> Interpretar a realidade histórica, cultural e social e relacioná-la com a vida. Interpretar produções culturais (literárias, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos, Construir um sentido para a realidade pessoal e social. Revelar respeito pela natureza, pelas questões da água, e dos seres criados. Aplicar na abordagem social, técnicas elementares de pesquisa e de organização de dados. Respeitar outros povos, culturas e diversas confissões religiosas. Consultar a Bíblia e interpretar textos bíblicos, relacionando-os com a vida. Conhecer um universo de valores acerca da vivenciada liberdade da amizade, do amor e da sexualidade. Utilizar vocabulário específico de EMR na comunicação oral e escrita. 	<p>O aluno é capaz de, com algum rigor e alguma frequência:</p> <ul style="list-style-type: none"> Interpretar a realidade histórica, cultural e social e relacioná-la com a vida. Interpretar produções culturais (literárias, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos, Construir um sentido para a realidade pessoal e social. Revelar respeito pela natureza, pelas questões da água, e dos seres criados. Aplicar na abordagem social, técnicas elementares de pesquisa e de organização de dados. Respeitar outros povos, culturas e diversas confissões religiosas. Consultar a Bíblia e interpretar textos bíblicos, relacionando-os com a vida. Conhecer um universo de valores acerca da vivência da liberdade, da amizade, do amor e da sexualidade. Utilizar vocabulário específico de EMR na comunicação oral e escrita. 	<p>O aluno é capaz de, com rigor, algum espírito crítico e alguma criatividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> Interpretar a realidade histórica, cultural e social e relacioná-la com a vida. Interpretar produções culturais (literárias, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos. Construir um sentido para a realidade pessoal e social. Revelar respeito pela natureza, pelas questões da água, e dos seres criados. Aplicar na abordagem social, técnicas elementares de pesquisa e de organização de dados. Respeitar outros povos, culturas e diversas confissões religiosas. Consultar a Bíblia e interpretar textos bíblicos, relacionando-os com a vida. Conhecer um universo de valores acerca da vivenciada liberdade, da amizade, do amor e da sexualidade. Utilizar vocabulário específico de EMR na comunicação oral e escrita. 	<p>O aluno é capaz de, com muito rigor, espírito crítico e criatividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> Interpretar a realidade histórica, cultural e social e relacioná-la com a vida. Interpretar produções culturais (literárias, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos. Construir um sentido para a realidade pessoal e social. Revelar respeito pela natureza, pelas questões da água, e dos seres criados. Aplicar na abordagem social, técnicas elementares de pesquisa e de organização de dados. Respeitar outros povos, culturas e diversas confissões religiosas. Consultar a Bíblia e interpretar textos bíblicos, relacionando-os com a vida. Conhecer um universo de valores acerca da vivência da liberdade, da amizade, do amor e da sexualidade. Utilizar vocabulário específico de EMR na comunicação oral e escrita.
		Correção/adequação	Compromisso com a aprendizagem 20%	<ul style="list-style-type: none"> Não desenvolve as atividades propostas. Não respeita a participação dos colegas. Não cumpre as regras definidas no estatuto do aluno. Não cumpre o horário definido. Não responde às solicitações do professor e/ou dos colegas. Não tem o caderno diário organizado. Falta sem justificativa relevante. Relacionar-se com os outros de forma cooperante e solidária. 	<ul style="list-style-type: none"> Nem sempre desenvolve as atividades propostas. Nem sempre respeita a participação dos colegas. Cumprir apenas algumas regras definidas no estatuto do aluno. Nem sempre é pontual. Muitas vezes não cumpre os prazos das tarefas que lhe são propostas. Nem sempre responde às solicitações do professor e/ou dos colegas. Tem o caderno diário pouco organizado. Nem <u>sempre</u> sempre é capaz de se relacionar com os outros de forma cooperante e solidária. Falta sem justificativa relevante. 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolve as atividades propostas. Respeita a participação dos colegas. Cumprir as regras definidas no estatuto do aluno. Cumprir o horário definido. Cumprir os prazos das tarefas que lhe são propostas. Responde às solicitações do professor e/ou dos colegas. Tem o caderno diário organizado. Não falta sem justificativa relevante. É capaz de se relacionar com os outros de forma cooperante e solidária.

Instrumentos de avaliação: Fichas de avaliação (formativa, sumativa), Fichas de trabalho, trabalhos de pesquisa, apresentações dos trabalhos, grelhas de observação, caderno diário e/ou portefólios.

Tabela 9 - Perfil do aluno e indicador de nível

Tendo presente todos estes critérios, a docente propõe os seguintes níveis para os alunos:

Avaliação dos alunos na Prática de Ensino Supervisionada Turma 5º3 Educação Moral e Religiosa Católica		Domínios														Autoavaliação	Nível proposto
		Conhecimentos a adquirir					Capacidades a desenvolver					Compromisso com a aprendizagem					
		Reproduz informação	Interpreta factos e imagens	Relaciona conceitos	Discurso escrito e oral rigoroso	Média a ponderar	Utiliza linguagem específica da disciplina	Interpreta textos e esquemas	Questiona a realidade e responde a questões	Resolve e pondera situações do quotidiano	Média a ponderar	Participa nas tarefas	Cumprir as regras de sala de aula	Comportamento	Assiduidade		
10%	10%	10%	10%	40%	10%	10%	10%	10%	40%	5%	5%	5%	5%	20%			
2		3	4	3	3	3	4	3	3	4	3	4	5	5	5	5	4
3		4	4	3	4	4	4	4	3	4	4	4	5	5	5	5	4
5		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	5	5	5	5	3
7		4	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4	4	4	5	4	4
8		4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	5	5	4	3
9		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	5	5	5	4	3
10		5	5	5	4	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
12		3	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4	5	5	5	5	4
13		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	5	5	5	5	3
14		4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	5	5	5	4
15		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	5	5	4	4	3
16		3	3	4	3	3	3	4	4	3	4	4	5	5	4	4	4
18		4	4	3	3	3	3	3	4	3	4	4	4	5	4	4	3
19		4	4	3	3	3	3	4	4	4	4	4	5	5	5	5	4
20		4	4	3	3	3	3	4	4	4	4	4	5	5	5	5	4
21		4	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4	5	5	5	5	4
22		4	4	4	3	4	3	3	4	4	4	4	5	5	5	4	4
23		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	5	4	4	3

Tabela 10 - Grelha de avaliação dos alunos

3.5. Autoavaliação da Prática de Ensino Supervisionada

Após terminar a lecionação, e fazendo uma retrospectiva de todas as aulas, conclui-se que o tema abordado é urgente nos dias de hoje. Isto foi perceptível durante toda a Prática Pedagógica, onde os alunos demonstraram a necessidade de descrever e falar sobre as suas próprias famílias. Desta forma, foi também perceptível o papel do professor como ouvinte dos pequenos (grandes) contadores de histórias que tem pela frente; a capacidade do professor como ouvinte foi também testada de aula para aula.

De salientar é também a importância de planificar corretamente cada aula. Com a planificação é possível organizar e estruturar cada meta, objetivo a atingir e os conteúdos que daí advém. Tendo isto esquematizado e delineado, a tarefa de escolher os recursos que se adequam, bem como os materiais que se utilizamos, torna-se simplificada. Este instrumento

possibilita uma visão de toda a aula, com tempos e avaliação possível em cada momento da aula.

As principais dificuldades sentidas, mas que podem ser melhoradas, foram: o cuidado pela linguagem²⁶⁵ e algumas dinâmicas mais complexas que exigiam mais algum tempo para a sua explicação.

Ainda assim, há aspetos positivos que são realizáveis: a gestão adequada do tempo²⁶⁶ e a escolha apropriada dos recursos e dos materiais utilizados. A dinâmica “A minha Família, a minha casa!”, que foi completada de aula para aula com a construção do



Figura 19 - Casa com todos os símbolos

símbolo para inserir na casa (ver imagem 19), foi uma das atividades que permitiu aos alunos um melhor entendimento deste tema uma vez que, tudo o que construíram ficou para cada um deles e, mais tarde permitir-lhes-á recordar.

E porque recordar é viver, termina-se, recordando as histórias, as intervenções, os rostos e os gestos que, visualizando cada material e cada recurso, nos vêm à memória. Crescemos e aprendemos com todos estes aspetos, como professores e como pessoas. Saímos ricos, em memórias e recordações.

²⁶⁵ O professor deve ser um exemplo e por isso deve ter um vocabulário cuidado – evitar palavras como *tá*, *num*, *acho* – e explicar possíveis palavras mais complexas aos alunos, de modo a possibilitar a estes um aumento do seu vocabulário.

²⁶⁶ Da forma como as aulas foram planeadas – em que no final de cada aula tinha sempre que surgir um símbolo para a casa – exigiu ao professor que, de aula para aula, as planificações fossem cumpridas. Houve cuidado por parte do professor em não planificar muitas atividades por aula, para que os alunos conseguissem compreender mais facilmente o que se pretendia e assim executar atempadamente todas as atividades.

3.6. Atividade “Cuidar da Vida”

No dia trinta de abril realiza-se o Dia do Patrono. Esta é uma atividade destinada a todos os alunos do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches que será conjunta com a XXX Dádiva de Sangue (ver cartaz da atividade na figura 20). A atividade realiza-se na Avenida Central - Braga.

Sendo já uma atividade frequente no Agrupamento, associar esta atividade à celebração dos 30 anos da Campanha de Dádiva de Sangue significa reconhecer na dádiva, a cada ano repetida, um sentido de transcendência,

“um dar, dando-se”, uma marca identitária deste Agrupamento, qual tatuagem indelével que faz parte do próprio corpo. Portanto, já nos anos oitenta esta campanha, que pretendia “desenvolver a consciência cívica (...) na área da solidariedade humana” foi um acontecimento pioneiro, pretende-se que também seja a celebração desta História no coração da cidade que a viu nascer, num ambiente de festa e alegria, por ocasião deste dia especial para o agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. Também a solidariedade é uma marca muito presente na história do Agrupamento e transforma-se “numa marca” que, orgulhosamente, se vive e partilha com a cidade.

Tem os seguintes objetivos:

- Comemorar o Dia do Patrono num ambiente de festa, alegria e de celebração da vida, da solidariedade e da diversidade humana e cultural.
- Sensibilizar as comunidades educativa e local para a importância da dádiva de sangue.
- Obter um número significativo de doadores de sangue.

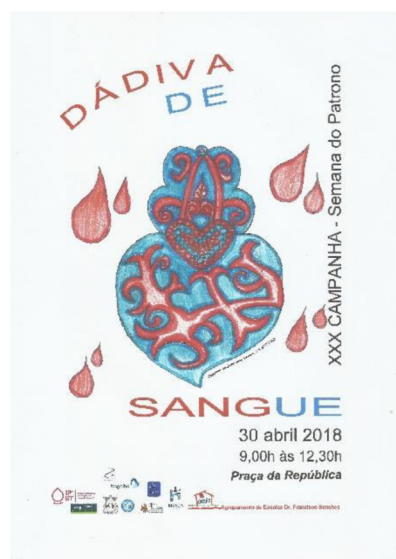


Figura 20 - Cartaz da atividade

Assim sendo, os dois núcleos de estágio de Educação Moral e Religiosa Católica deste Agrupamento foram convidados a participar e a elaborar algumas atividades. Propuseram e realizaram o seguinte: demonstração de Aeromodelismo com a presença do campeão nacional da modalidade, Pedro Precioso, onde no avião tinham autocolantes alusivos à Dádiva de Sangue (ver imagem 21); e a construção de painéis (ver imagem 22) – aqui, cada pessoa (alunos, pessoas que passem pela avenida) recebe um coração em papel autocolante e é convidado a escrever uma palavra/expressão alusiva ao tema: “Dádiva de Sangue – Cuidar da Vida”. Estes painéis são distribuídos, posteriormente, por algumas Escolas do Agrupamento.



Figura 21 – Avião utilizado na atividade de Aeromodelismo



Figura 22 - Painéis a serem construídos

4. Síntese

Ao concluir este capítulo faz-se sobressair, primariamente, a compreensão da relação entre as instituições família-escola, instituições estas que são fundamentais para o bom desenvolvimento do ser humano. Percebe-se que é importante que trabalhem em parceria, uma vez que ambas são muito importantes até para a construção da personalidade do indivíduo e que, conseqüentemente, se reflete na vida em sociedade. Portanto, do mesmo modo que a família não funciona sem a escola, também a escola não funciona sem a família. Há a necessidade de, cada vez mais, criar uma relação mais próxima e fecunda entre ambas as

instituições de modo a que ambas possam transmitir os valores fulcrais para a formação da pessoa.

Também a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, através das suas finalidades e dos seus objetivos, e enquanto presença da Igreja na Escola, demonstra a sua relevância na formação do indivíduo proporcionando-lhe o desenvolvimento de valores fundamentais (de solidariedade, de partilha, de empatia, por exemplo), mas também a desenvolver um espírito crítico sobre os diferentes assuntos que vão sendo debatidos.

Foi também neste sentido que foi planificada e realizada toda a Unidade Letiva. Todos os materiais utilizados, foram devidamente ponderados de modo a que os alunos conseguissem compreender o que se pretendia, aula a aula. O caminho percorrido foi pensado e adequado às circunstâncias e situações concretas dos alunos de forma a que também eles fossem, constantemente, voz ativa em cada aula.

Conclui-se realçando-se a importância do conhecimento adquirido com os alunos, por meio das suas histórias.

CONCLUSÃO

As famílias são uma realidade dinâmica. As mudanças e alterações que acontecem no seio destas são sentidas ao longo da vida pelos indivíduos, mas também pelas gerações sucessivas, inseridas em diferentes contextos políticos, sociais e históricos muito próprios.

Após o caminho percorrido, e no culminar de todo o trabalho desenvolvido, há ideias que são fundamentais reter e que serão aqui apresentadas.

Ao pensar a *família: ontem e hoje*, compreendo que vivendo num mundo em mudança²⁶⁷, a família, enquanto instituição socializadora primária, ou seja, aquela que é indispensável para o bom desenvolvimento inicial dos indivíduos, quer a nível cognitivo, quer a nível social e emocional, também sofre mudanças que acabam por marcar a própria família e a forma como esta é encarada. Então, a família não é uma realidade estática que se manteve fiel à sua etimologia, mas sofreu alterações significativas que, nos dias de hoje, estão profundamente vincadas, deixando de se poder falar de família para se falar de famílias, tal é a diversidade que se pode encontrar. Por este motivo, não se procurou definir o termo família, mas apenas referir a sua etimologia e percorrer as suas alterações históricas e sociais (na era tradicional, capitalista e contemporânea) que, com o decorrer dos tempos, advieram.

Desta forma, ao olhar para as famílias nos tempos de hoje é possível perceber que, em muitos casos, “há muito sofrimento”²⁶⁸ no seio destas. Situações como “o fracasso de um casamento”²⁶⁹, por exemplo, geram quer no matrimónio, quer na família uma crise de forma a ser necessário pedir ajuda para que consigam reestruturarem-se. Foi neste sentido, que me pareceu pertinente apresentar e refletir sobre a carta pastoral proposta pela Arquidiocese de Braga - “Construir a casa sobre a rocha”. De facto, mais urgente do que recorrer a anulações do matrimónio, é por ao dispor um processo de acompanhamento, discernimento aos casais que necessitem de ajuda, que se encontrem em sofrimento. Contudo, depois do percurso percorrido

²⁶⁷ Cf. Franco, “Família em tempo de mudança”, 81.

²⁶⁸ Walter Kasper, *O Evangelho da família* (São Paulo: Paulinas, 2014), 38.

²⁶⁹ *Ibid.*, 38.

é permitida a integração de pessoas divorciadas em nova união civil. Esta carta pastoral espelha a atenção e o empenho da Igreja em “contribuir para a *cura e a reconciliação* do casal em crise”²⁷⁰.

Reconhecendo a importância dos idosos, portadores de tradições, de sabedoria e de cultura e sendo, através da família e a sociedade que estes transmitem todo o património, no presente trabalho é lançado *um olhar sobre os idosos*. Pode concluir-se que o modo de pensar sobre esta fase da vida altera-se consoante as sociedades. E consegue ainda compreender-se que, analisando a sociedade dos dias de hoje, há uma valorização dos jovens e uma desvalorização dos idosos. Sendo estes incapazes de produzir como outrora, vêm-se postos de parte e muitas vezes, afastados da vida social. Com a azafama dos dias, raras são as vezes que se para com o objetivo de pensar na importância desta fase da vida, dos contributos e das aprendizagens que podem ser desenvolvidas com o testemunho e o exemplo caloroso partilhado pelos idosos.

Contudo, com o objetivo de *combater* a solidão e o isolamento dos idosos, através do alojamento de jovens universitários, os distritos do Porto e de Braga, juntamente com as associações académicas, criaram duas iniciativas que me despertaram especial atenção. Os programas *Aconchego* e *Avóspedagem*, possibilitam a relação entre diferentes gerações, permitindo que as diferentes pessoas, com diferentes personalidades, com diferentes formas de pensar, de diferentes fases da vida, convivam e consigam manter ligações de aprendizagem e, ao mesmo tempo, permitir que ensinem, contribuindo para o crescimento mútuo.

Não esquecendo que o *fim da vida* é uma condição, muitas vezes, pensada pelos idosos, achei oportuno que este tema fosse aqui desenvolvido, ainda que de uma forma simples. Tanto a morte, como o luto e o sofrimento (que podem estar intimamente ligados com situações de perda, como é o caso), estão “de braço dado” naquele que é o processo do fim da vida. Foi interessante refletir sobre esta temática e perceber perante situações de sofrimento “a pergunta

²⁷⁰ Ibid., 38.

nunca é ‘porquê?’, mas ‘para quê?’ (...) [até porque o ‘porquê?’ leva-nos] a olhar para trás e devíamos olhar para a frente, para onde é que leva ou para onde pode levar. É mais saudável perguntar pela finalidade do que pela origem”²⁷¹.

Sobre a família e os idosos também a Igreja, atenta e desperta perante ambas as situações, procura analisar, interpretar, apoiar e auxiliar. Desta forma, pareceu-me oportuno dedicar um capítulo quer às famílias quer aos idosos, à luz dos documentos do Magistério da Igreja. Foi esclarecedor compreender que as famílias é um tema intemporal, uma vez que, foram analisados documentos de diferentes contextos temporais. Portanto, a família foi e será sempre uma preocupação da Igreja. Esta preocupação mantém-se em relação aos idosos. A Igreja alerta, também em diferentes documentos para a riqueza que os idosos, que na família podem ser os avós ou tios mais velhos, porque são transmissores sabedoria, são capazes, porque têm mais experiência, de aconselhar e evitar “quedas” dos mais novos.

Ainda há pouco, li uma notícia que, a respeito dos idosos, o autor afirmava que “não sabemos o que fazer com eles”²⁷². É interessante. Acrescentava ainda o autor:

“apesar de sermos uma sociedade envelhecida, não sabemos o que fazer com a velhice. Quer na lógica do trabalho, quer na lógica do lazer, o velho é cada vez mais um estorvo. De forma irracional, o mercado de trabalho não aceita pessoas com 50 ou 60 anos. De forma amoral, a vida familiar é feita cada vez mais fora do perímetro dos avós”²⁷³.

Com isto, quem acaba por sofrer com a situação são os idosos que estão no “desencontro entre a técnica médica (que aumenta cronologicamente a vida dos idosos) e a moral familiar (que coloca o velho num canto)”²⁷⁴. Esta contradição faz-se cada vez mais presente.

²⁷¹ Vasco Pinto Magalhães e Henrique Manuel Pereira, *Pensar a vida* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2014), 190.

²⁷² Henrique Raposo, “Eutanásia: não sabemos o que fazer com os idosos,” 11 de maio de 2010, acedido a 14 de maio de 2018, <https://goo.gl/AZkzkS>.

²⁷³ Ibid.

²⁷⁴ Ibid.

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada optei por abordar este tema de uma forma mais generalizada, seguindo as sugestões de assuntos que o livro do 5º ano de Educação Moral e Religiosa Católica disponibiliza. Procurei aprofundar: o valor e missão da família, as funções da família, a família como comunhão de pessoas que vivem no amor, a família no tempo de Jesus, a participação e corresponsabilidade na vida em família e, por fim, o lugar dos mais velhos em ambiente familiar.

Apesar de, aula a aula, procurar elaborar estratégias de ensino diversificadas e atrativas e recursos pedagógicos originais, foi fundamental ouvir. Os alunos têm famílias. Ouvir o que têm a dizer sobre as suas famílias, que são todas muito diferentes umas das outras, mas não menos importantes entre si. Parar para ouvir os alunos. Ouvir com o coração e perceber o que os alegra e o orgulho com que falam das suas famílias, mas também o que os entristece, o que os magoa.

Ouso afirmar que este foi o verdadeiro desafio para mim. Não apenas refletir sobre as famílias e sobre os idosos, mas ouvir, da boca dos mais pequenos (hoje, porque amanhã serão os mais velhos) o que são para eles a família e os idosos. E eles têm tanto a dizer e a partilhar.

Após esta viagem e todo o trilha por ela traçado, fica a consciência do aprofundamento que poderia ter sido feito relativamente às famílias e aos idosos. E de tantos outros assuntos sobre a família que poderiam ter sido explorados. Investigar sobre a família de Nazaré, ou então, explorar o que diz a Bíblia sobre a família, por exemplo. No fundo, pedras soltas de um caminho percorrido por mim; brechas de uma casa humilde contruída com dedicação e esforço.

BIBLIOGRAFIA

1. Sagrada Escritura

Bíblia Sagrada. Fátima: Difusora Bíblica, 2010.

2. Documentos do Magistério da Igreja

Benedictus, Pp. XVI. “Palavras do Papa Bento XVI em visita à Casa-Família da Comunidade de Santo Egídio em Roma a 12 de novembro de 2012.” Acedido a 23 de abril de 2018.

<https://goo.gl/c2wjcd>.

Conselho Pontifício “Justiça e Paz”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Pincipia, 2015.

Franciscus Pp. “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis ‘Amoris Laetitia’ (19 de março de 2016).” In *Acta Apostolicae Sedis* 108 (2016): 311-446.

Franciscus Pp. “Adhortatio Apostolica ‘Evangelii Gaudium’ (24 de novembro de 2013).” In *Acta Apostolicae Sedis* 105 (2013): 1019-1137.

Franciscus, Pp. “Audiência Geral.” Acedido a 20 de abril de 2018. <https://goo.gl/arixkS>.

Ioannes Paulus Pp. II. “Adhortatio Apostolica ‘Familiaris Consortio’ (22 de novembro de 1981).” In *Acta Apostolicae Sedis* 74 (1982): 81-191.

Ioannes Paulus Pp. II. “Litterae Encyclicae ‘Evangelium Vitae’ (25 de março de 1995).” In *Acta Apostolicae Sedis* 87 (1995): 401-522.

Ioannes Paulus Pp. II. “Carta do Santo Padre João Paulo II aos participantes na Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento.” Acedido em 19 de abril de 2018. <https://goo.gl/LWC4Hh>.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. “Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis ‘Gaudium et spes’ (7 de dezembro de 1965).” In *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966): 1025-1115.

XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. *A vocação e missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo: RELATÓRIO FINAL do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre de 24 de outubro de 2015*. Lisboa: Paulinas, 2015.

3. Bibliografia Geral

Barbosa, António Filipe, Fernando Rosas, João Duque, José Nuno Silva e José Pedro Angélico.

Morreste-me: a morte e a esperança cristã. Porto: Secretariado Diocesano da Pastoral da Cultura do Porto, 2010.

Costa, José Miguel Stadler Dias. "A mentalidade pós-moderna e o fim da vida". In *O fim da vida*. Editado por José Henrique Silveira Brito, 15-26. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2007.

Donati, Pierpaolo. *Família no século XXI: abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas, 2008.

Esteban, Andrés Martínez. "Introducción: Familia, ¿Qué dices de ti misma?". In *La familia: recursos y conflictos en la sociedad contemporánea*, editado por María Lacalle Norieda e Andrés Martínez Esteban, 9-17. Madrid: Publicaciones San Dámaso, 2009.

Fernandes, Ana Alexandre. *Velhice e Sociedade*. Oeiras: Celta Editora, 1997.

Franco, Vitor. "Família em tempo de mudança." *Eborensia* 32 (2003): 81-97.

Gorer, Geoffrey. «The pornography of death». *Encounter* 10 (1955): 49-52.

Gevaert, Joseph. *El problema del Hombre*. Salamanca: Sígueme, 1987.

Kasper, Walter. *O Evangelho da família*. São Paulo: Paulinas, 2014.

Kwak, Anna. "Família reconstruída." In *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre a família, a vida e aspectos éticos*. Editado por Conselho Pontifício para a Família, 515-525. Cascais: Principia, 2010.

Leandro, Maria Engrácia. "Inter-confluências: Idoso-Modernidade." *Cadernos Noroeste* 7,2 (1994): 55-67.

- Leandro, Maria Engrácia. “Transformações da família na história do Ocidente.” *Theologica* 41,1 (2006): 51-74.
- Magalhães, Vasco Pinto e Henrique Manuel Pereira. *Passar da morte à VIDA*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2014.
- Magalhães, Vasco Pinto e Henrique Manuel Pereira. *Pensar a vida*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2014.
- Marques, Ramiro. *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- Neto, Félix. “As pessoas idosas são pessoas: Aspetos psico-sociais do envelhecimento.” *Psicologia Educação e Cultura* 2 (1999): 297-322.
- Oliveira, José H. Barros de. *Viver a morte, abordagem antropológica e psicológica*. Coimbra: Almedina, 1998.
- Pinto, José Rui da Costa. *Questões atuais de ética médica*. Braga: Apostolado da Oração, 1984.
- Rebelo, José Eduardo Campos. “Viver o luto: a morte dos próximos (pais e filhos).” In *O fim da vida*, ed. José Henrique Silveira Brito, 155-171. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2007.
- Ruiz, Alfonso Salgado. “Diversidade y Unidad: Estructura, funciones y fortalezas de la familia.” *Sal Terrae* 103/6, nº1.201 (2015): 471-484.
- Santos, Luana Rocha dos, e João Pedro Toniosso. “A importância da relação escola-família.” *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade* 1 (2014): 122-134.
- Sauber, Richard, L’Abate, Luciano, Weeks, Gerald, Buchanan, William. *The Dictionary of Family Psychology and Family Therapy*. Londres: Sage Publications, 1993.
- Sayés, José Antonio. *Escatología*. Madrid: Ediciones Palavra, 2006.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.
- Sena, Jorge. *Escola e Família: Educar um projeto comum*. Coleção Fé e Educação. Braga: Editorial A.O., 2000.

Simões, José Augusto Rodrigues. “Reflexão bioética sobre a situação do idoso e sua família.”

Acção Médica 2 (2009): 13-27.

Toso, Paola Dal. *El Papa Francisco y las familias*. Madrid: San Pablo, 2014.

Wall, Karin, Vanessa Cunha e Susana Atalaia. “Família.” In *Portugal Social de A a Z. Temas em aberto*. Editado por José Luís Cardoso, Pedro Magalhães e José Machado Pais. Paço de Arcos: Impresa Publishing - Expresso, 2013.

4. Sitiografia

Conferência Episcopal Portuguesa. “Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade. 27 de abril de 2006.” Acedido a 26 de março de 2018. <https://goo.gl/mmR1s4>.

Ortiga, D. Jorge. “Carta Pastoral ‘Construir a casa sobre a rocha’ (17 de janeiro de 2018).” Acedido a 7 de abril de 2018, <https://goo.gl/CJ8Z4t>.

Raposo, Henrique. “Eutanásia: não sabemos o que fazer com os idosos.” 11 de maio de 2010, acedido a 14 de maio de 2018, <https://goo.gl/AZkzkS>.

ANEXOS

PowerPoint utilizado no momento expositivo da aula 1.



Família: comunidade de amor



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches



Sabias que!

«Família» é uma palavra
de origem latina?

No tempo Romano...

... a família compreendia todos os indivíduos que viviam na mesma casa, debaixo do mesmo teto. Ou seja, o senhor, a mulher, os filhos e os criados da casa.

Com o passar do tempo...

... «Família» foi ganhando outro sentido, passando a toda a comunidade formada pelos descendentes de um mesmo antepassado.

Nos dias de hoje ...

... devido às mudanças, é praticamente impossível encontrar uma definição única de família.

Mas a família...

... deve ser acima de tudo um núcleo bem estruturado, onde encontramos um ambiente de segurança e aprendemos a “escola do amor”.



Na família, vive-se a experiência do acolhimento dos outros tal como eles são. Aprende-se a amá-los e a respeitá-los na sua diferença, uma vez que as diferenças nos enriquecem, mesmo quando é difícil lidar com elas.



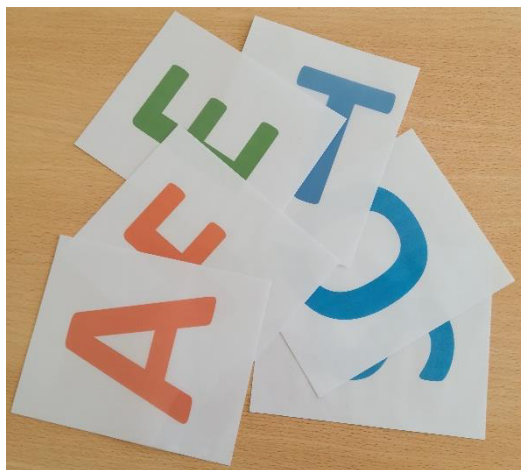
... é, sobretudo, um espaço de afeto em que as pessoas desenvolvem relações que tendem a ser estáveis.



Mais importante é perceber que a família é o berço da vida humana!

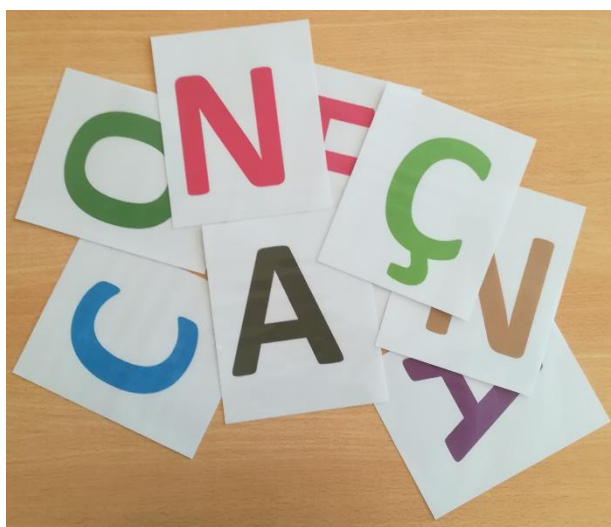
Material Didático 2

Neste Material Didático, pode ver-se os cartões, e as palavras resultantes dos cartões, que foram utilizados na aula 1.





RESPEITO



CONFIANÇA



RESPONSABILIDADE



LIBERDADE

Material Didático 3

Neste Material Didático, é possível visualizar o link no vídeo introdutório utilizado na aula 2. O link é: <https://goo.gl/dwdXxw>.

Material Didático 4

Aqui, pode observar-se os puzzles feitos pelos alunos e que correspondem aos diferentes grupos de trabalho.

Grupo 1:



Grupo 2:



Grupo 3:



Grupo 4:



Grupo 5:



Material Didático 5

Neste Material Didático pode observar-se as sopas de letras, os textos e as frases que posteriormente foram expostas à turma.

Grupo 1

Elementos do grupo: _____

Encontra **três** palavras que estejam relacionadas com a Afetividade.

W	R	H	Y	A	F	G	H	J	T	A	E	R	T
F	K	G	Ç	T	Y	U	I	H	T	K	V	H	A
G	Z	D	X	Y	H	S	D	G	H	R	P	U	A
S	E	N	T	I	M	E	N	T	O	S	A	S	F
A	T	A	T	Y	D	V	F	G	I	J	K	L	E
G	O	M	I	O	D	F	C	X	L	W	T	Y	T
Z	G	O	G	H	J	U	Z	X	V	B	N	M	O
X	E	R	H	S	G	T	S	F	J	U	Y	T	S

Pista: as palavras só estão na vertical ou na horizontal.

Elementos do grupo: _____

«A Família é o espaço onde, em "primeira mão", se transmitem valores, não apenas de palavras, mas sobretudo através de gestos concretos. Estes gestos concretos desenvolvem e potenciam a descoberta da sua afetividade) nos seus sentimentos e da partilha generosa de hábitos de ternura, carinho e respeito.»

Escreve uma frase sobre a Afetividade, na família.

A afetividade da família é o amor onde se dão valores.

Bom trabalho! 😊



Elementos do grupo: _____

Encontra **três** palavras que estejam relacionadas com a **Proteção**.

D	R	H	Y	A	F	G	H	J	T	A	E	A	T
E	K	G	Ç	T	Y	U	I	H	T	K	V	P	A
R	Z	D	X	Y	H	S	D	G	H	R	P	O	O
S	E	G	U	R	A	N	Ç	A	K	Ç	A	I	D
G	T	J	T	Y	D	V	F	G	I	J	K	O	V
I	O	L	I	O	D	F	C	X	L	W	T	Y	U
W	G	F	G	H	J	U	Z	X	V	B	N	M	U
F	E	A	H	D	I	G	N	I	D	A	D	E	R

Pista: as palavras só estão na vertical ou na horizontal.

Grupo 2

Elementos do grupo: _____


«Garantir às crianças condições de bem-estar e despertar nelas a consciência da sua dignidade e da dignidade de todos os seres humanos constituem os grandes objetivos da educação familiar, tornando a proteção das crianças, um desafio superado.»

Escreve uma frase sobre a **Proteção**, na família.

A proteção na família é ter segurança com os outros, é ter e dar apoio e ter a sua dignidade.

Bom trabalho! 😊

Grupo 3



Elementos do grupo: _____

Encontra **três** palavras que estejam relacionadas com a **Socialização e Educação**.

A	R	E	Y	A	F	G	H	J	S	A	E	R	T
J	K	S	Ç	T	Y	U	I	H	J	K	V	H	A
V	Z	C	X	Y	S	O	C	I	E	D	A	D	E
S	D	O	T	E	B	N	M	K	L	Ç	A	S	D
R	T	L	T	Y	D	V	F	G	H	J	K	L	V
I	O	A	I	O	D	F	C	X	Z	W	T	Y	U
F	G	F	G	H	J	U	Z	X	V	B	N	M	U
O	E	A	C	O	M	U	N	I	D	A	D	E	I

Pista: as palavras só estão na vertical ou na horizontal.



Elementos do grupo: _____

«Compete à família educar, em primeiro lugar, a criança de forma progressiva e harmoniosa, recorrendo à orientação e apoio dos membros da família mais velhos do seu agregado familiar, e complementada, depois, com os diferentes contributos da sociedade (Escola, Escuteiros, Catequese, Grupos desportivos, etc...)»

Escreve uma frase sobre a **Socialização e a Educação**, na família.

É na família que somos educados: os mais velhos dão-nos educação e ir à escola.

Bom trabalho! 😊

Elementos do grupo: _____

Encontra três palavras que estejam relacionadas com a Humanização.

R	R	H	A	F	G	H	J	T	A	E	R	T	
E	K	G	Ç	T	Y	U	I	H	T	K	V	H	A
L	Z	D	X	Y	H	S	D	G	H	R	P	U	O
A	U	P	E	S	S	O	A	S	K	Ç	A	S	D
Ç	T	J	T	Y	D	V	F	G	I	J	K	L	V
O	O	L	I	O	D	F	C	X	L	W	T	Y	U
E	G	F	G	H	J	U	Z	X	V	B	N	M	U
S	E	A	H	S	O	C	I	A	L	I	Z	A	R

Pista: as palavras só estão na vertical ou na horizontal.

Grupo 4

Elementos do grupo: _____



«No contexto familiar, a criança recebe os primeiros afetos, aprende a relacionar-se com os outros, a partilhar, descobre a segurança, a liberdade, em suma, aprende a dar os primeiros passos para viver em sociedade. Desde o seu nascimento, está desperta para o amor, sendo necessário que o vivencie através da relação com os outros membros da família.»

Escreve uma frase sobre a Humanização, na família.

A família é uma relação, uma relação muito importante para a vida das pessoas.

Boa trabalho! 😊

Grupo 5

Elementos do grupo: _____

Encontra três palavras que estejam relacionadas com a Interajuda.

D	R	H	Y	A	F	G	H	J	T	A	E	T	T
E	K	G	Ç	T	Y	U	I	H	T	K	V	A	A
R	Z	D	X	Y	H	S	D	G	H	R	P	R	O
A	J	U	D	A	E	T	Q	Y	K	Ç	A	E	D
G	T	J	T	Y	D	V	F	G	I	J	K	F	V
I	O	L	I	O	D	F	C	X	L	W	T	A	U
Y	K	U	N	I	A	D	Z	X	V	B	N	S	U
F	E	A	H	X	D	G	E	I	R	W	Ç	F	Z

Pista: as palavras só estão na vertical ou na horizontal.

Elementos do grupo: *Interajuda*

«A necessidade que os mais novos têm em se sentirem protegidos, respeitados e amados, faz com que eles também sintam a vontade de colaborar nas tarefas da família. Esta interajuda é fundamental para que a família viva de forma unida e feliz.»

Escreve uma frase sobre a Interajuda, na família.

Na família temos de nos ajudar uns aos outros nas tarefas e dessa forma de ser unidos.

Boa trabalho! 😊

Neste Material Didático insere-se o PowerPoint explicativo sobre as características do homem, da mulher, do filho mais novo, do filho mais velho, das casas e da sociedade, no tempo de Jesus, exposto na aula 3.



A família no tempo de Jesus



Educação Moral e Religiosa Católica | 5º ano



Como eram as famílias, no tempo de Jesus?

As famílias constituíam a **estrutura central da vida social** da Galileia. Eram, por norma, **numerosas** e **todos os seus elementos trabalhavam** em função dos interesses comuns da comunidade familiar.

Os judeus vivam, nas zonas rurais, em **função da família**, dos seus ritmos e dos seus interesses.

Assim, **dependiam da terra e das colheitas** e valorizavam o direito à propriedade e à preservação das terras de cultivo.





O homem...

- Era o **chefe** de família;
- Era o **responsável religioso e legal** da casa;
- Tinha como dever **manter a segurança** e zelar pelo bem-estar de todos;
- Tinha a **responsabilidade de trabalhar para alimentar, proteger e garantir abrigo** à mulher e aos filhos.



A mulher...

- Competia-lhe realizar os **trabalhos domésticos**: o pão, preparava as refeições, moía a farinha, produzia o queijo, fiava o linho e tratava dos animais.



Os filhos...

- Se fossem de **tenra idade** ficavam com as mães;
- Conheciam desde cedo os seus deveres para com os pais. Os **filhos mais velhos**, normalmente, aprendiam com os pais, os ofícios de família.



- Numa **pequena casa** podiam viver os pais, os filhos (adultos ainda solteiros ou casados), os cônjuges dos filhos e os idosos.
- Vivam com **pouco conforto** material e sem privacidade.
- O **mobiliário** das suas casas era **escasso**; não tinham camas e eram poucos os objetos pessoais.

A vida destas famílias era sobretudo passada no **campo**, nos **locais de trabalho** e em **sítios públicos**, sendo a casa apenas utilizada para o descanso, para o convívio familiar e para as refeições.



→ Na aldeia as **casas aglomeravam-se**, garantindo a proximidade de parentes, de proteção e segurança das pessoas e o melhor aproveitamento dos terrenos próprios para cultivo.

→ As **casas**, mesmo as mais pobres, agrupavam-se em pátios comuns, onde era colocado o gado.

- Os dias eram preenchidos pelo **trabalho**.
- A **refeição** tomada durante a manhã ou meio-dia podia ser feita no local de trabalho, não sendo assim, um momento especialmente dedicado ao convívio familiar.
- A **ceia** tomada ao fim do dia, era uma ocasião de descanso e convívio.
- Nos seus **tempos livres**, os adultos e as crianças desfrutavam da presença uns dos outros.
- Os judeus dedicavam o **sábado** ao louvor de Deus. Era dia de descanso obrigatório, começava ao pôr do sol de sexta-feira e termina com o poente do dia seguinte.



Diferenças?

Material Didático 7

Neste Material Didático está presente o trabalho desenvolvido pelos alunos, em trabalho de grupo, na aula 3.

Grupo 1

Two illustrations are shown side-by-side, separated by a vertical purple line. On the left is a woman in a white dress and blue shawl. On the right is a modern woman in a black business suit carrying a briefcase.

Duas características da mulher no tempo de Jesus

Faz o trabalho doméstico.
Cuida dos filhos pequenos.

Duas características da mulher nos dias de hoje

Vai trabalhar.
E ganha dinheiro.

Grupo 2

Two illustrations are shown side-by-side, separated by a vertical blue line. On the left is Jesus with a beard and long hair, wearing a white tunic and blue sash. On the right is a modern man in a dark suit carrying a briefcase.

Duas características do homem no tempo de Jesus

Chefe de casa
trabalhava no campo para sustentar a família

Duas características do homem nos dias de hoje

Trabalha numa empresa ajuda a fazer os trabalhos domésticos

Grupo 3

Two illustrations are shown side-by-side, separated by a vertical green line. On the left is a young boy in a blue tunic carrying a wooden plank. On the right is a modern young boy in a white shirt and black shorts.

Duas características do filho mais novo no tempo de Jesus

Fica em casa com a mãe ajuda o pai

Duas características do filho mais novo nos dias de hoje

Fica o dia todo na escola
Fica muito tempo na TV e no computador

Grupo 4

Two illustrations are shown side-by-side, separated by a vertical brown line. On the left are two children, a boy and a girl, dressed in traditional Middle Eastern clothing. On the right are two modern children, a girl and a boy, dressed in contemporary clothing.

Duas características dos filhos mais velhos no tempo de Jesus

aprendem o ofício dos pais e iam trabalhar com o pai

Duas características dos filhos mais velhos nos dias de hoje

Não há escola e tem mais tecnologias.

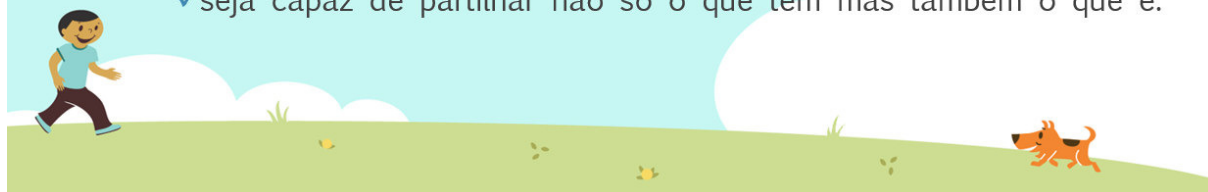
Este Material Didático insere o PowerPoint das conclusões apresentadas na aula 4.



Na família, cada um de nós tem **um papel importante** para o bem-estar de todos.

Para isso, é necessário que **cada membro da família**:

- ✓ seja cordial;
- ✓ vá ao encontro dos outros;
- ✓ seja grato por tudo o que é e tem;
- ✓ seja dialogante;
- ✓ esteja disponível sem segundas intenções;
- ✓ seja capaz de servir os outros;
- ✓ seja capaz de partilhar não só o que tem mas também o que é.





Nem tudo nas famílias é perfeito, mas nada deve ser deixado por resolver.

Assim, é possível ultrapassar as dificuldades, mas para isso é preciso ser capaz de compreender, de ser tolerante, de saber perdoar.



Por isso, o **AMOR** é a base de todas estas atitudes.



Material Didático 10

Neste Material Didático, é possível visualizar o link da música utilizada na aula 5, intitulada, “We are Family”. O link é: <https://goo.gl/7fmZUy>.

Material Didático 11

Neste Material Didático pode ver-se o PowerPoint explicativo utilizado na aula 5.

*Participação e
corresponsabilidade
na vida em família*



Educação Moral e Religiosa Católica | 5ºano
Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches



O **contributo** de cada um **na família** é sinal de **corresponsabilidade**.

Mesmo quando somos **mais pequenos**,
não devemos ficar fora destes momentos
e **ajudar de alguma forma**.

Todos temos **capacidades** e
elas **terão que ser usadas para**
o serviço de todos.

Portanto...

Ser solidário com os outros deve começar em casa, pois é aqui que se aprende a admirar a vida de cada um, o valor e a importância da justiça e sobretudo a melhor forma de viver no amor.

